



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Educação Física e Desportos

Liliana Adiers Lohmann

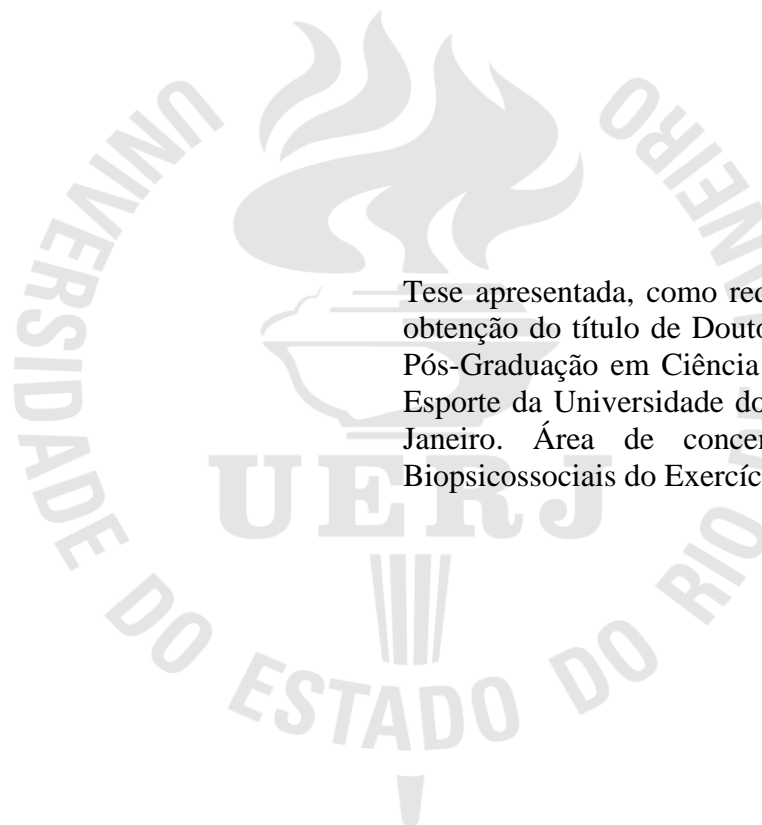
**A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades
escolares e práticas corporais**

Rio de Janeiro

2015

Liliana Adiers Lohmann

A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades escolares e práticas corporais



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico

Orientadora Prof^a Dra. Ludmila Mourão

Coorientadora: Prof^a. Dra. Giannina do Espírito Santo

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/B

L833 Lohmann, Liliana Adiers.

A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades escolares e práticas corporais / Liliana Adiers Lohmann. – 2015. 85 f.

Orientadora: Ludmila Mourão.

Coorientadora: Giannina do Espírito Santo.

Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Educação Física e Desportos.

1. Educação física para mulheres – Teses. 2. Exercícios físicos para mulheres – Teses. 3. Colégio Militar do Rio de Janeiro – Teses. 4. Educação física militar – Teses. 5. Identidade sexual na educação – Teses. 6. Educação feminina – Teses. I. Mourão, Ludmila. II. Espírito Santo, Giannina do. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Educação Física e Desportos. IV. Título.

CDU 796:355.23-055.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Liliana Adiers Lohmann

A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades escolares e práticas corporais

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico

Aprovada em 10 de agosto de 2015.

Banca examinadora:

Prof^ª Dra. Ludmila Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^ª Dra. Giannina do Espírito Santo (Coorientadora)
Centro Universitário Augusto Motta

Prof^ª Dra. Monique Ribeiro Assis
Instituto de Educação Física e Desportos - UERJ

Prof. Dr. Alexandre Palma de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^ª Dra. Adriana Martins Correia
Centro Universitário Augusto Motta

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a meu filho Aaron, por sua paciência e amor incondicional. A meus familiares, atletas, alunos e amigos, que compartilharam o caminho somando esforços.

AGRADECIMENTOS

À minha família em Porto Alegre, por incentivar a busca e conquista dos meus sonhos.

À Aaron e Solange, pelo paciência em meus momentos de inquietude.

À Universidade Gama Filho e seus dedicados profissionais, que me acolheram ainda adolescente e influenciaram profundamente minha vida.

Ao Colégio Militar do Rio de Janeiro pelo suporte constante.

À Giannina, amiga incansável, que contribuiu significativamente na obtenção da qualidade desse trabalho.

À Prof^a Dra. Ludmila Mourão, minha orientadora, que conduziu com sabedoria o fechamento deste estudo.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro que implementou e concretizou meu doutoramento.

RESUMO

LOHMANN, Liliana Adiers. *A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades escolares e práticas corporais*. 2015. 85f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) está vinculado ao Exército Brasileiro. Fundado em 1889 é considerado a mais antiga instituição educacional militar masculina do país. Em comemoração ao seu centenário (1989) realizou-se um concurso de admissão para introduzir alunas a partir do ensino fundamental. Com 26 anos de convivência das alunas com a escola ocorreram modificações no acesso bem como em suas participações físico-desportivas. Desta forma a elaboração desta tese tem por objetivo compreender o processo de interação de alunas neste estabelecimento de ensino, investigando e analisando a instituição educacional militar e especialmente o ingresso de mulheres, o poder disciplinar e o gênero, a construção da identidade e a representação no corpo destas. A pesquisa foi realizada através de três artigos. O primeiro, “O discurso sobre o acesso à permanência de mulheres nas Forças Armadas Brasileiras: o que conta a literatura” teve como finalidade mapear os trabalhos científicos produzidos sobre as mulheres no ambiente militar, o segundo, “Entre a disciplina e a ordem: A construção identitária de meninas no Colégio Militar do Rio de Janeiro” analisou a estruturação da identidade de alunas em atividades escolares à partir de 1989, e o terceiro, “A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em práticas físico-desportivas: a tradição reinventada” analisou as representações sobre as atividades físico-desportivas realizadas no CMRJ com a inserção feminina e suas interações na atualidade. A metodologia orientou-se pela abordagem qualitativa e a pesquisa é do tipo descritiva. O primeiro estudo utilizou 25 pesquisas sobre mulheres no militarismo brasileiro; no segundo e terceiro, os sujeitos foram vinte alunas da 2ª série do ensino médio do CMRJ. A técnica de coleta de dados realizada foi a entrevista semi-estruturada. A análise dos dados seguiu a descrição densa proposta por Clifford Geertz, dialogando com Foucault e suas reflexões sobre identidade e com Moscovici e as teorias sobre Representação Social. Os resultados apontam para visibilização social e política do ambiente escolar militar misto, evidenciando em suas experiências a estruturação da participação delas no Exército e nas Forças Armadas brasileiras. Concluímos que o CMRJ ajustou-se aos ares dos novos tempos, provocando adaptações em todos os setores da escola e em especial na Educação Física, objeto de nossa investigação no terceiro estudo, porém admitimos que em parte, as mudanças são reflexos da desestruturação do sistema escolar do colégio, da precariedade de se manter profissionais por falta de concurso público, das mudanças do setor administrativo e comando do colégio, se comparadas as vivenciadas pelas pioneiras na década de 1990. Por outro lado, os valores institucionais se mantiveram pelas práticas cívico-militares (ordem unida) que se ancoravam nos ideais de masculinidade sustentando a tradição militar da escola. As aulas de Educação Física construídas com atenção especial para o treinamento físico, resistência e força na centenária escola, deslocaram-se para práticas físico-desportivas contribuindo com a disciplina e concretização das expectativas de qualidade de ensino e tradição militar esperada pelas alunas.

Palavras-chave: Gênero. Identidade. Poder. Colégio Militar. Práticas corporais.

ABSTRACT

LOHMANN, Liliana Adiers. *The students interaction of Military College of Rio de Janeiro in school activities and bodily practices*. 2015. 85f. Tese (Doutorado em Aspectos Biopsicossociais do Exercício Físico) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The Military College of Rio de Janeiro (CMRJ) is considered the oldest male military educational institution in the country. It was founded in 1889 and is linked to the Brazilian Army. In its centenary there was a contest for admission of students from the elementary school. In 26 years of living changes occurred in access as well as its physical and sports participation in primary school. The development of this thesis aims to understand the process of interaction of students at this institution, investigating and analyzing the military educational institution, especially the acceptance of women into it, the disciplinary power and gender, identity construction and their representation into this corps. The survey was conducted through three articles. The first, "The speech on the access to the stay of women in the Brazilian Armed Forces: what Literature tells" aimed to map the scientific papers produced on women in the military environment; the second, "Between discipline and order: An identity construction of girls at the Military College of Rio de Janeiro" analyzed the structure of the identity of students in school activities since 1989, and the third, "The relationship of the Military Academy students from Rio de Janeiro with physical and sports practices: the recreated tradition" analyzed their representation on the physical and sporting activities carried out in CMRJ with the insertion and interaction at the present time. The methodology was guided by a qualitative approach and the research is descriptive. The first study used 25 researches on women in Brazilian militarism; on the second and third, the subjects were twenty 2nd grade high school female students of the CMRJ, in which data collection technique used was the semi-structured interview. Data analysis followed the dense description proposed by Clifford Geertz, dialogue with Foucault and his reflections on identity and Moscovici and the theory of Social Representation. The results point to social and political visibility of a mixed military school environment, suitable for their experience as well as for the structure of their participation in the Army and the Brazilian Armed Forces. It is concluded that the CMRJ has set our times, causing adjustments to all school sectors, especially in the Physical Education subject of our investigation in the third study. It is admitted, however, that in part, those changes are reflections of disruption in school system, the precariousness of keeping professionals because of lack of public contest, changes in the administrative sector and school command, if compared to those experienced by pioneering in the late 1990. On the other hand, institutional values remained the civic-military practices (united order) that anchored in the ideals of masculinity and supported the military tradition of the school. The Physical Education classes built with special attention to physical training, endurance and strength at the centenary school moved to physical and sports activities contributing to the discipline and implementation of the expected qualified education and military tradition desired by the students.

Keywords: Gender. Identity. Power. Military College. Body practices.

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
1	ESTUDO 1 - O DISCURSO SOBRE O ACESSO À PERMANÊNCIA DE MULHERES NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: O QUE CONTA A LITERATURA (ARTIGO CIENTÍFICO).....	13
2	ESTUDO 2 - ENTRE A DISCIPLINA E A ORDEM: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MENINAS NO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO (ARTIGO CIENTÍFICO).....	34
3	ESTUDO 3 - A INTERAÇÃO DE ALUNAS DO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO EM PRÁTICAS FÍSICO-DESPORTIVAS: A TRADIÇÃO REINVENTADA (ARTIGO CIENTÍFICO).....	48
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
	REFERÊNCIAS.....	67
	ANEXO A – Documento de aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética.....	69
	ANEXO B – Reportagem: “Da escola de órfão ao ensino qualificado”.....	71
	APÊNDICE A – Declaração de autorização da escola.....	72
	APÊNDICE B – Carta de apresentação do trabalho.....	73
	APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido: Responsável.....	74
	APÊNDICE D – Roteiro sobre a Interação escolar.....	75
	APÊNDICE E – Roteiro sobre a Interação em práticas físico-desportivas.....	78
	APÊNDICE F – Objetivos gerais dos estudos que investigaram o feminino nas Forças Armadas e Colégios Militares Brasileiros.....	82
	APÊNDICE G – Objetivos específicos dos estudos que investigaram o feminino nas Forças Armadas e Colégios Militares Brasileiros.....	83
	APÊNDICE H – Procedimentos utilizados nos estudos sobre o feminino Forças Armadas e Colégios Militares Brasileiros.....	84
	APÊNDICE I – Hipótese(s) utilizada(s) nos estudos que investigaram o feminino nas Forças Armadas e Colégios Militares.....	85

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nosso trabalho envolve as relações de poder que são vivenciadas no cotidiano de algumas do Colégio Militar do Rio de Janeiro. O enfoque inicial contempla algumas considerações sobre as concepções de poder estudadas por Michel Foucault com a intenção de conjugá-las a nossa temática de estudo.

Foucault (2005) apresentou sua análise sobre o poder partindo de suas ramificações, onde ele torna-se capilar, com a intenção de ver sua inserção e utilização em instituições. Ele visava aprender as técnicas utilizadas, os instrumentos de intervenção e os efeitos reais do poder sobre o homem. Considerou que este se exerce em uma rede, em uma cadeia, transitando de forma a possibilitar que aqueles que estão submetidos também possam exercê-lo. Esclareceu que se forma, organiza e põe em circulação um saber que viabiliza sua existência, uma relação “saber-poder” que tem campo de atuação no corpo e suporte de observação nas instituições.

O caminho percorrido pelo autor descreveu as lutas de forças que os indivíduos estabeleceram consigo e com o meio em que vivem. Partiu da constituição do poder no século XVI e o direito do soberano em decidir sobre a vida e morte de seus súditos. Os infratores eram submetidos à punição, um castigo público aplicado aos corpos. Posteriormente descreveu outra forma de punição, a estabelecida pelo aprisionamento, pela restrição da liberdade e execução de trabalhos forçados, na tentativa da correção e reeducação de criminosos, visando basicamente a expiação que atuasse “profundamente sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (FOUCAULT, 2004, p.18).

Motivou-se a partir de então toda uma forma de controle dos indivíduos que alteravam as formas de poder e de dominação dando origem ao que Foucault denominou de “sociedade disciplinar”, exercido através da vigilância, do treinamento e da correção, com a intenção de tornar os corpos “dóceis”. Um novo tipo de poder que se caracterizou pela intervenção de “mecanismos disciplinares” que envolviam a incorporação de gestos, atitudes e comportamentos. Estes mecanismos passaram a ser utilizados em diversas instituições, como escolas, fábricas, prisões e exército, estabelecendo nos ambientes nos lugares, nas funções, o controle e a submissão através da “disciplina” expondo-a como uma “técnica específica”, que “toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos” de exercício do poder (FOUCAULT, 2004, p.143).

Neste sentido, conduzimos nossa investigação para as relações estabelecidas no Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ). A escola foi inaugurada em 09 de março de 1889 com a intenção de educar os filhos homens “órfãos dos militares efetivos, reformados e honorários do exército e da armada”¹. Considerado a mais antiga instituição educacional militar masculina do país atualmente encontra-se subordinada ao Sistema Colégio Militar do Brasil (SCM). O SCM coordena um total de treze escolas de ensinos fundamental (6º ao 9º ano) e médio² e possui a função de ministrar a Educação a aproximadamente 14.400 alunos/as, dos quais 7% são estudantes advindos de concurso público e os demais são filhos de militares do Exército transferidos e/ou falecidos, além de filhos de militares de outras forças (VERDE OLIVA, 2009).

A proposta educacional do SCM consiste em conduzir seus alunos na descoberta de “potencialidades como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para a vida, como cidadãos educados segundo os valores, costumes e tradições do Exército Brasileiro”³. As práticas didático-pedagógicas são subordinadas à Lei de Diretrizes e Base Nacional e às normas e prescrições do ensino no Exército.

Somente em 1988 ocorreu a autorização da admissão de alunas, além de alunos, através de concurso para os Colégios Militares (CMs) em funcionamento naquele momento⁴. No CMRJ ocorreram 7099 inscrições, das quais 2604 candidatas concorreram a 30 vagas e 4495 candidatos concorreram a 90 vagas (LOHMANN, 2005) e, em 1989, data comemorativa ao centenário desta instituição, as primeiras trinta alunas passaram a frequentá-lo a partir da 5ª série do 1º grau, atual 6º ano do ensino fundamental.

Destacamos que a trajetória profissional das mulheres no universo predominantemente masculino da defesa brasileira também é recente. Elas começaram a ganhar espaço no setor a partir de 1980, na Marinha e, em 1982, quando as primeiras turmas femininas ingressaram nas escolas de formação da Força Aérea Brasileira. Hoje, além de funções administrativas, de

¹ O Colégio Militar do Rio de Janeiro foi aberto principalmente para contemplar o desejo de Caxias em atender aos filhos de militares que faleceram na guerra do Paraguai.

² Além do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) tem-se: o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), o Colégio Militar de Santa Maria (CMSM), o Colégio Militar de Curitiba (CMC), o Colégio Militar de Brasília (CMB), o Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF), o Colégio Militar de Belo Horizonte (CMBH), o Colégio Militar de Campo Grande (CMCG), o Colégio Militar do Recife (CMR), o Colégio Militar de Fortaleza (CMF), o Colégio Militar de Manaus (CMM) e a Fundação Osório (no sistema a partir de 1993).

³ Disponível em: www.depa.ensino.eb.br/pag_sistemaCM.htm . Acesso em 20/04/2012.

⁴ Os colégios militares em funcionamento naquele período eram o do Rio de Janeiro, de Brasília, de Porto Alegre, de Fortaleza e de Manaus.

saúde, apoio e operacionais, elas também já se destacam no quadro de aviadoras. Desde 2005, vinte e duas mulheres assumiram o comando de aeronaves de caça, helicópteros, patrulha e transporte - inclusive os de grande porte, como o C-105 Amazonas e o C-130 Hércules.

A autora deste trabalho vivenciou grande parte desse processo de inserção e convivência inicial das alunas no CMRJ, pois ingressou como professora de Educação Física da escola em 1992. Percebeu que poucas providências estruturais foram realizadas para o acolhimento das alunas pioneiras e que ocorreram alguns problemas na adaptação, no convívio e nas expectativas delas com a escola. Verificou que apesar disto, elas obtiveram sucesso intelectual e adaptavam-se satisfatoriamente ao regime meritório da escola, que gostavam de se submeter às regras e a disciplina estabelecida pelo colégio.

Lohmann (2005) informou no que se refere ao contexto inicial de inserção que o tratamento realizado pelos integrantes da escola para com alunos e alunas era diferenciado, principalmente com relação ao paternalismo visível na aplicação de normas e regulamentos para com elas. Já nas atividades curriculares, aulas e treinamentos da Educação Física, foi possível verificar uma atitude menos protecionista por parte dos professores, contribuindo para que elas se destacassem e participassem mais das representações e competições escolares e, com isso, conquistassem melhores notas e graduações dentro do sistema adotado no Colégio Militar.

Nos anos de 1994 e 1995, cinco anos depois da abertura para o ingresso de meninas, constatei o aumento da participação delas em competições municipais e estaduais e também o aumento do quadro de professores de Educação Física⁵. As pioneiras se dedicavam aos treinamentos em horários especiais, o “espírito de corpo” fortaleceu-se, isto é, os aspectos do militarismo foram praticados com maior ênfase e as aulas de Educação Física ganharam novos significados permitindo que se vivessem diferentes experiências no seu cotidiano.

Passados 26 anos da entrada das alunas no CMRJ, ocorreram modificações no processo de ingresso e admissão ao 6º ano do ensino fundamental e agora também da 1ª série do ensino médio. Atualmente as vagas são ocupadas por ordem de classificação, em igualdade de condições, não ocorrendo mais uma proporção fixa de vagas para meninos e meninas, como vista no 1º concurso em 1989.

⁵ Revista Aspiração 95/96, p.87. Fazia parte da Seção de Educação Física: 05 novos professores contratados por concurso público para o cargo de professor efetivo; 04 professores contratados pela DEPA, 06 professores contratados pela Associação de Pais e Mestres, 11 professores efetivos, todos de Educação Física. O CMRJ participou do Intercolegial até 1991, quando a direção vetou suas próximas participações em competições escolares. Isso ocorreu por causa de brigas entre as torcidas do colégio e algumas escolas presentes na final do Voleibol masculino.

A tese sobre “A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades escolares e práticas corporais” tem por objetivo compreender o processo de interação de alunas nesta escola militar, associando e analisando a instituição educacional militar e o ingresso de mulheres, o poder disciplinar e o gênero, a construção da identidade e as representações de alunas sobre as atividades escolares e práticas físico-desportivas realizadas neste contexto.

A pesquisa foi construída a partir de três estudos que serão apresentados a seguir. Esta forma de apresentação foi adotada no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade Gama Filho e incorporada ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O primeiro estudo, cujo título é “O discurso sobre o acesso à permanência de mulheres nas Forças Armadas brasileiras: o que conta a literatura” tem a finalidade de mapear e analisar trabalhos científicos sobre mulheres nas Forças Armadas brasileiras, possibilitando a contextualização do ambiente e a construção das representações depreendidas dos discursos de autores/as sobre a inserção e permanência de mulheres neste ambiente.

O segundo, “Entre a disciplina e a ordem: A construção identitária de meninas no Colégio Militar do Rio de Janeiro” visa investigar e analisar as representações sobre as interações de alunas do CMRJ em suas atividades escolares, sob a ótica de gênero, à partir de 1989.

O terceiro, “A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em práticas físico-desportivas: a tradição reinventada” investigará e analisará as representações sobre as práticas físico-desportivas realizadas no CMRJ com a inserção feminina e suas interações na atualidade.

Partimos da hipótese de que o Colégio Militar do Rio de Janeiro, a partir de 1989, com a presença de alunas, ajustou-se aos ares dos novos tempos, provocando adaptações em todos os setores da escola e em especial na Educação Física objeto de nossa investigação no terceiro estudo. Admite-se que os valores institucionais se ancoravam nos ideais de masculinidade e que estes eram construídos com atenção especial para o treinamento físico, resistência e força na centenária escola.

O projeto foi submetido e aprovado ao comitê de ética em pesquisa da Universidade Gama Filho com registro do CAE nº 03096812.0.0000.5287 (ANEXO A). Encontram-se a

declaração de autorização para realização da pesquisa, a carta de apresentação do trabalho, o termo de consentimento livre esclarecido – responsável respectivamente nos (APÊNDICE A, B e C).

1 ESTUDO 1 – O DISCURSO SOBRE O ACESSO À PERMANÊNCIA DE MULHERES NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS: O QUE CONTA A LITERATURA (ARTIGO CIENTÍFICO)

RESUMO

As Forças Armadas brasileiras autorizaram o acesso de mulheres em seus quadros a partir de 1980. Elas ascenderam hierarquicamente e mais recentemente conseguiram atingir alguns dos mais altos postos militares, bem como cursar a maioria das academias militares brasileiras. O objetivo deste estudo é mapear os trabalhos científicos disponíveis sobre mulheres nas Forças Armadas brasileiras para analisar os discursos de autores/as sobre a inserção e permanência de mulheres neste contexto. O estudo foi realizado através da revisão de artigos, teses e dissertações obtidos na base de dados do *Scielo*, Periódicos Capes e Google Acadêmico, referentes às mulheres/alunas nas Forças Armadas brasileiras, no período compreendido entre abril 2002 e novembro de 2012. Utilizamos os seguintes descritores: acesso, inserção, permanência, feminino/a, mulher/es, aluna/as, forças armadas, colégio militar. Foram localizados 25 estudos. As categorias analíticas foram organizadas de acordo com Bardin (1977, 2009). Os resultados destacaram que as alunas e mulheres militares foram inseridas gradativamente e excluídas de atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar, tratadas de forma diferenciada em regulamentos e procedimentos militares, foram consideradas pelas instituições como seres que inspiram cuidados e que devem ser protegidos. A aceitação, convivência e permanência delas no militarismo expuseram tensões e limitações. Os resultados demonstraram que as mudanças ocorridas com o acesso de mulheres não significaram grandes transformações nos critérios de ação e organização interna militar. Configuraram que a conquista deste espaço não foi consequência de reivindicações femininas. Expuseram que as mulheres no exercício profissional deveriam adotar características entendidas como masculinas, tais como o respeito, a liderança, a coragem, a austeridade, a iniciativa, a força, a virilidade, a agressividade, a capacidade de enfrentamento, em detrimento com as consideradas femininas como a fragilidade, o caráter receptivo, tolerante, entendidos como avessos ao bom desempenho delas. Porém, verificou-se que com o passar dos anos o cuidado e a proteção diminuíram e, apesar dos preconceitos e das limitações iniciais em termos de promoção, elas foram assimiladas positivamente pela instituição militar brasileira.

Palavras-chave: Poder. Gênero. Educação. Forças Armadas. Mulheres.

ABSTRACT

The Brazilian Armed Forces have authorized access of women in their corps since 1980. They upgraded hierarchically and more recently they have achieved some of the highest military positions, as well as the have attended most of Brazilian military academies. The aim of this study is to map the scientific papers available on women in Brazilian Armed Forces in order to analyze the speeches of authors on the inclusion and permanence of women in this

context. The study was conducted by reviewing articles, theses and dissertations published in Scielo database, Capes Periodical and Google Scholar, referring to female students in Brazilian Armed Forces between April 2002 and November 2012. The following descriptors were used: access, insertion, length, female / woman / women, student / students, military, military school. 25 studies were found out. The analytical categories were arranged according to Bardin (1977, 2009). The results highlighted that the students and military women were inserted gradually and they were excluded from activities considered as risk and rigorous discipline, they were treated differently in military regulations and procedures and, were considered by the institutions as someone who needs attention and protection. Their acceptance, living and stay in military brought up tensions and limitations. The results showed that the changes related to women's admittance did not mean major ones towards criteria of military action and internal organization. It was represented that the conquest of this space was not the result of women's claims. It was exposed that women in professional practices should adopt masculine characteristics such as respect, leadership, courage, austerity, initiative, strength, virility, aggression, confronting ability, rather than with those considered feminine as delicate, tolerant, receptive character, considered to be averse to their good performance. However, it was found that over the years care and protection decreased, and despite the prejudices and the initial limitations in terms of promotion, they were positively assimilated by the Brazilian militarism.

Keywords: Power. Gender. Education. Armed forces. Women.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades ocidentais o poder disciplinar contribuiu significativamente para a implementação do capitalismo industrial e para a sociedade originada por estes moldes. Envolveu a utilização de mecanismos que atuavam controlando e submetendo os indivíduos em função da produtividade e da eficiência estabelecida por uma “disciplina” baseada em instrumentos como “o olhar hierárquico, a sanção normatizadora e sua composição” (FOUCAULT, 2004, p. 143).

De acordo com o autor, a disciplina transformou-se em tecnologia de poder aplicada a sociedade de indivíduos úteis e produtivos economicamente, gerindo a multiplicidade dos homens através do treinamento, da vigilância e eventualmente da punição e o exercício desse poder envolve uma rede a ser controlada e exercida em qualquer instituição em que haja confinamento, ou seja, na fábrica, no hospital, na escola ou no exército, por exemplo. Informou que nestes espaços ocorre a homogeneização dos corpos através do estabelecimento de “normas” que dispõem os indivíduos hierarquicamente. Para ele o poder é construído, modificado e transformado pelas resistências que por ventura venham a se formar através de

relações de “dominação” e ou de “sujeição”, assim, o poder se veicula e se exerce dentro do corpo social.

O autor estudou “a guerra e as relações de poder” através da análise das instituições militares, em seu funcionamento real, seu efetivo histórico na sociedade, apreendendo como seus mecanismos, seu “efeito de verdade se produz, conduz e reconduz”. Suas considerações respaldaram-se na “sociedade” e nas múltiplas relações que perpassam, caracterizam e constituem o corpo social. Ele expôs que estas relações “não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro” (FOUCAULT, 2004, p. 28). Ele esclareceu que “o poder institucionaliza a busca da verdade e por ele somos igualmente submetidos, no sentido de que, o discurso em parte decide, veicula e propulsiona os seus efeitos, assim, o que define uma relação de poder, não é um “modo de ação que age diretamente sobre os outros, mas sim sobre sua própria ação” (1995, p. 243).

Neste sentido direcionamos o foco do trabalho para a década de 1960 quando os militares brasileiros efetivaram-se no poder. Constituiu-se um período em larga medida tumultuado e marcado por transformações importantes na corporação e na sociedade brasileira. Estruturaram-se ritos e símbolos que orientaram o comportamento social, ditaram as formas de relacionamento entre os seus pares expondo uma organização sistêmica com lugares e atribuições pré-definidas, alicerçadas na obediência às leis e respeito à hierarquia. O período posterior, entre os anos de 1970 e 1980, foi considerado de democratização da sociedade brasileira e de modernização das Forças Armadas. Apresentou um corpo militar contemporâneo, que por vezes apresentava um “militar dócil enquanto profissional e ativo politicamente enquanto instituição” (MORAIS, 2009, p. 508). Foi coincidente com a expansão de direitos entre etnias, sexos e gêneros e especificamente com o aumento da visibilidade das mulheres em nosso país.

Com o ganho de força do movimento feminista internacional, a Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) declarou em 1975 o Ano Internacional das Mulheres e, organizou-se a primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres na Cidade do México. Neste impulso os anos de 1976 a 1985 foram declarados como a Década da Mulher. Em 1988, ocorreu a elaboração e promulgação da nova Constituição Brasileira, a criação dos Conselhos dos Direitos das Mulheres e delegacias de atendimento à Mulher e foi possível também o ingresso pioneiro de mulheres nas Forças Armadas brasileiras.

O acesso de mulheres militares ocorreu na Marinha em 1980, inicialmente no Corpo Auxiliar da Reserva, atuando na área técnica e administrativa e, posteriormente a efetivação

nos quadros de engenheiros, intendentes, médicos, cirurgiões-dentistas, de apoio à saúde e técnico da Marinha⁶. A Aeronáutica aceitou-as em 1982, no Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica, no Quadro Feminino de Oficiais da Reserva (QFO) e no Quadro Feminino de Graduados da Reserva (QFG). Foi a primeira Arma a proporcionar a formação de oficiais femininas através da Academia Militar da Força Aérea (AFA) em 1996⁷. O Exército anunciou o acesso em 1988, em nível de ensino fundamental, no processo seletivo para os Colégios Militares com vagas para serem preenchidas por alunas, cuja inclusão seria feita de forma gradativa no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) (ANEXO B). Em 1992, as primeiras mulheres ingressaram como militares, primeiramente na Escola de Administração do Exército (EsAEX) em Salvador e, em 1996, como militares temporárias em diversas áreas e graduações. Em 1997, o Instituto Militar de Engenharia (IME) matriculou as 10 primeiras alunas e a Escola de Saúde do Exército formou a primeira turma de oficiais médicas, dentistas, farmacêuticas, veterinárias e enfermeiras de nível superior⁸.

A trajetória profissional das mulheres no universo predominantemente masculino da defesa é recente. Hoje, além de funções administrativas, de saúde, apoio e operacionais, elas também já se destacam no quadro de aviadoras. Desde 2005, vinte e duas mulheres assumiram o comando de aeronaves de caça, helicópteros, patrulha e transporte - inclusive os de grande porte, como o C-105 Amazonas e o C-130 Hércules.

As mulheres mobilizaram-se e conquistaram vários setores e profissões nos últimos anos. E no meio acadêmico tornaram-se docentes, pesquisadoras, gestoras além de maioria como estudantes. Os resultados dessas conquistas estimularam também a produção dos primeiros trabalhos sobre as mulheres nas Forças Armadas, despertando nosso interesse em analisar a produção científica realizada sobre o tema.

Os objetivos deste estudo foram então mapear os trabalhos científicos sobre mulheres nas Forças Armadas brasileiras analisando os discursos de autores/as sobre a inserção e permanência de mulheres neste contexto. Buscamos responder com o estudo a seguinte

⁶ O ingresso foi em 07 de julho de 1980 e em 1º de janeiro de 1988 as mulheres foram efetivadas na Marinha.

⁷ Nos quadros de Intendência, Infantaria e Aviadores.

⁸ A presença das mulheres na Força Terrestre subiu de 3.617 em 2004 para 6.466 em 2012. Desse contingente, sete mulheres podem chegar nos próximos cinco anos ao posto de oficial-general. Atualmente, elas estão em processo de formação na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme), no Rio, fase que, após ser cumprida, as deixará em condições de dirigir uma unidade militar. Após essa etapa, elas estarão aptas a disputar espaço no quadro de oficiais superiores. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2013/03/mulheres-ja-representam-6-34-do-efetivo-total-nas-forcas-armadas-brasileira> Acesso em: 14 dez. 2013.

questão: “como as relações de poder e as relações de gênero foram tratadas nos estudos elaborados por autores/as sobre mulheres nas Forças Armadas brasileiras?”.

MÉTODOS

O estudo utilizou a metodologia qualitativa de acordo com os pressupostos metodológicos de Bauer e Gaskel, (2002) e pela análise do conteúdo segundo Bardin (1977; 2009). O diálogo com os trabalhos revisados apoiou-se em Foucault (2004; 2005) e Scott (1995), para discutir as categorias de poder e de gênero.

Entendemos que devemos considerar as precauções sugeridas por Foucault (2005) quando estudarmos “o poder”, pensando-o onde ele se torna capilar, em suas instituições mais regionais, no interior de suas práticas reais, em seu campo de aplicação, ou seja, na forma como ele se implanta e se produz, com a intenção de verificar como as coisas aconteceram com o ingresso de mulheres no militarismo. Ele orientou que devemos investigar em como efetivamente os mecanismos acabam por fazer parte do conjunto, pois quando se exercem, “não podem fazê-lo sem a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber”, no âmbito da dominação, para as formas de sujeição, nos sistemas locais dessa sujeição. (FOUCAULT, 2005 p. 37).

O autor postulou que os processos contínuos e interruptos que sujeitam, dirigem e regem os comportamentos na análise do “poder”, devendo ser realizados com precauções de método, ou seja: como “algo que circula” que se exerce em rede e que transita e faz com que o “corpo, gestos, discursos, desejos, sejam identificados e constituídos como indivíduos”, partindo “dos mecanismos infinitesimais” que tem sua tecnologia própria e são “investidos por mecanismos cada vez maiores” (FOUCAULT, 2004 p. 35).

Agregamos também a este estudo as considerações de Scott (1995) e a utilização da categoria gênero como condutora da análise. Consideramos o enfoque sugerido pela autora, os processos desses estudos, em “como as coisas se passaram para descobrir por que elas se passaram”, lidando com o “sujeito individual, bem como com a organização social”, com a intenção de articularmos “a natureza de suas inter-relações, pois ambas são fundamentais para compreender como funciona o gênero” Ela pretendeu com a elaboração da análise clarificar e especificar como se deve passar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais, ou seja, gênero como “uma forma primária de dar significado às relações de poder”, por meio do qual, o poder é articulado (SCOTT, 1995, p. 85).

A autora pontuou que o gênero é constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas e implica em primeiro lugar os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações e, em segundo lugar, conceitos normativos que expressam interpretações, por exemplo, nas doutrinas educativas científicas que possuem a forma típica de uma oposição binária fixa e que de forma categórica e inequívoca afirmam o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino, ou seja, levando em consideração às instituições e à organização social que inclua também a educação somente masculina e depois mista, como ocorreu no Colégio Militar do Rio de Janeiro com a inserção de alunas.

Na nossa análise ficamos atentas a Bardin (1977, 2009) por entendermos que os discursos proporcionados pelos textos atendem a categorização proposta em nosso trabalho, representam o conteúdo de um documento sob forma diferente da original com a finalidade de facilitar num momento posterior a sua consulta e referência. Definimos os critérios *a priori*, ou seja, através de unidades de registro agrupadas em razão de características comuns e que estão delineadas a seguir.

O estudo foi realizado através da revisão de artigos, teses e dissertações obtidos na base de dados do *Scielo*, Periódicos Capes e Google Acadêmico, referentes às mulheres/alunas nas Forças Armadas brasileiras, no período compreendido entre abril 2002 e novembro de 2012.

Orientamos a seleção dos textos através dos seguintes descritores: acesso, inserção, permanência, feminino/a, mulher/es, aluna/as, forças armadas, colégio militar. Encontramos vinte e cinco estudos relacionados ao nosso tema e que foram distribuídos de acordo com o pertencimento as Forças Armadas no geral, ou exclusivamente realizados em uma das Armas, como na Marinha, na Aeronáutica ou no Exército/Colégios Militares.

Tabela 1 – Estudos que investigaram o feminino nas Forças Armadas

Instituições	(f)	Autores dos Estudos
Forças Armadas no geral	11	ADÃO, 2007; D' ARAÚJO, 2003, 2004, 2006; MATHIAS, 2005, 2011; SANTOS, 2008a ; SILVA, 2006 ^a , 2006b, 2007; SOUZA, 2011.
Exército/Colégios Militares	09	BASTOS, 2009; CARRAS, 2008, 2012; LANNES, 2008; LOHMANN e VOTRE, 2004, 2006; LOHMANN, 2005; PASSOS et al., 2009; REZENDE, 2009.
Aeronáutica	03	OLIVEIRA, 2006; SANTOS, 2008b; SANTOS e COUTINHO, (2010).
Marinha	02	LOMBARDI, (2009, 2010).
TOTAL	25	

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados foi dividida em dois momentos. O primeiro, composto pelas características gerais de estruturação dos estudos, o segundo, formado pelos discursos e representações aludidas pelos autores/as nos textos.

Quadro 1 – Apresentação do *Corpus*

Características gerais de estruturação dos estudos	Objetivo dos estudos
	Métodos e procedimentos utilizados
	Hipóteses consideradas
Discursos e representações aludidas pelos autores/as	Categoria 1 – Acesso
	Categoria 2 – Permanência
	Categoria 3 – Representações da mulher nas Forças Armadas

Características Gerais de Estruturação dos Estudos

Vamos expor as características gerais de estruturação dos textos dos autores/as como os objetivos traçados para as pesquisas, os métodos e procedimentos adotados, as hipóteses consideradas, no sentido de contextualizarmos suas propostas de trabalho.

Os objetivos dos estudos foram examinados de acordo com as tendências com que os autores/as buscaram informações sobre os temas, agrupando-os de acordo com o nível de incidência em gerais e específicos.

Os/as autores/as de seis estudos utilizaram os objetivos gerais “compreender”, “entender”, “conhecer”, no sentido de expor a inserção feminina, a construção da identidade militar e a perspectiva analítica gerada pela presença num espaço diferenciado e único, antes acessível apenas aos homens (APÊNDICE F).

Encontramos também dezenove estudos que consideraram intenções mais específicas em suas pesquisas e buscaram “analisar”, “apresentar”, “informar”, “verificar”, “investigar”, “examinar”, interessando-se em demonstrar como as mulheres vivenciaram o ingresso, a incorporação, a experiência e participação delas na carreira militar, através de suas representações e percepções (APÊNDICE G).

Quanto ao método todos os estudos analisaram o fenômeno da inserção e permanência das mulheres nas forças armadas a partir da perspectiva qualitativa, construídos no sentido de demonstrar a experiência vivenciada pelas mulheres no ambiente profissional militar. Possibilitaram a interpretação de realidades sociais que de acordo com Thomas e Nelson

(2002) visam compreender o significado de uma experiência, ou seja, de que maneira os componentes combinaram-se para formar um todo, com foco voltado para a essência do fenômeno social. Bauer, Gaskell e Allum (2003, p.23) complementam estas informações esclarecendo que nestes casos se lidam com “interpretações das realidades sociais com uma visão menos dogmática a respeito de assuntos metodológicos, possibilitando muitas vezes a utilização do pluralismo metodológico dentro do processo da pesquisa”. Os estudos promoveram procedimentos de acordo com aplicação de questionários, entrevistas, etnografia, narrativas e grupo focal, além de análise estatística. Compuseram as análises de acordo com embasamento da História, História Cultural, História Oral, História da Educação, História de mulheres, História Militar, Estudos Feministas, Gênero, Gênero e Trabalho e Representações Sociais (APÊNDICE H).

As Hipóteses consideradas seguiram os princípios abordados na pesquisa qualitativa, ou seja, raramente estabelecendo-as no início do estudo, progrediram num processo indutivo de desenvolvimento com as teorias na medida em que os dados foram descobertos (THOMAS e NELSON, 2002).

Evidenciamos que apenas oito trabalhos apresentaram hipóteses. Elas pontuam que a entrada das mulheres no exército ocorreu pela atuação dos movimentos feministas, pela influência do exército norte-americano e pelo baixo número do efetivo militar; que a esfera das relações sociais e culturais atua contra a ascensão feminina; que a presença de mulheres e o seu reconhecimento no grupo militar operam sobre a sua condição de ser mulher; e que o discurso hegemônico faz com que os paradigmas socialmente construídos contribuam na manutenção das relações de poder, ou seja, o discurso de que a mulher enquanto ser frágil necessita de proteção (APÊNDICE I).

Discursos e Representações Aludidas pelos Autores/as

Realizamos a construção de três categorias de análise, a categoria 1 – Acesso, com a intenção de situar o acesso e a interação inicial das mulheres militares nas Forças Armadas brasileiras, a categoria 2 – Permanência, descreve e analisa as informações encontradas nos textos sobre o convívio e tratamento adotado com elas, e a categoria 3 – com as representações expostas nos textos.

Categoria 1 – Acesso

As condições para que o acesso feminino fosse autorizado nas Forças Armadas Mundiais e Nacionais aliaram-se com as concepções sobre defesa adotadas pelos países, ou seja, ao papel desempenhado pelas Forças Armadas e a subordinação dessas ao controle civil ou não. (D'ARAÚJO, 2003, 2004, 2006; MATHIAS, 2011). Pode-se sustentar que

[...] tal incorporação é fato importante na definição das relações civis-militares. Isto porque, em princípio, se um país estabelece o alinhamento das Forças Armadas ao poder civil democrático, as Forças Armadas devem expressar o perfil da sociedade à qual servem e obedecem (D'ARAÚJO, 2004, p. 2).

No Brasil, com a vivência democrática estabelecida no final da década de 1980, mudanças significativas foram observadas na ação das Forças Armadas. Exigia-se uma “maior igualdade na oferta de oportunidades para os cidadãos”, contribuindo significativamente para que o papel do soldado fosse reanalisado (MATHIAS, 2005, p. 2). Então, para pensarmos a mulher neste ambiente, teríamos que considerar em que funções elas iriam trabalhar, ou seja, as Forças Armadas voltadas exclusivamente para o campo de batalha tornaria a inserção da mulher difícil, mas ao se pensar a instituição como um pilar da sociedade brasileira, voltada para a produção de conhecimento e inteligência, a inserção feminina tornar-se-ia uma possibilidade aceitável (LANNES, 2008).

Outros fatores que influenciaram as ações para o engajamento feminino em nosso país, em parte, foram sedimentados na constatação de que o país passou a se dedicar menos à defesa do território pátrio e mais às ações de vigilância, de proteção de fronteiras e espaço aéreo e, em parte, conseqüente ao apoio proporcionado pelas tecnologias eletrônicas e digitais, de comunicação e de guerra modernas (LANNES, 2008; LOMBARDI, 2009).

Foucault (1987) nos alerta que o papel exercido pelo soldado na corporação militar com o passar do tempo sofreu modificações. No século XVII ele seria escolhido a partir da sua atitude e porte físico, ou seja, através de suas características naturais. Já no século XVIII, ele poderia ser "fabricado", suas posturas e atitudes passariam a ser ensinadas, aprendidas, corrigidas, disciplinadas. Porém, até meados do século XX nunca se vislumbrara a possibilidade que mulheres pudessem exercer essa função. Assim, a possibilidade de acesso de mulheres nos quartéis brasileiros não se distanciou da discussão internacional sobre o tema, ou seja, as mulheres foram consideradas como seres que precisavam ser protegidos e

isto suporia a exclusão de atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar e, portanto, consideradas masculinas.

No início da incorporação as características tidas como femininas foram usadas para legitimar as áreas que eram destinadas às mulheres, reduzindo-as a atividades consideradas de apoio e conseqüentemente afastando dos altos postos da hierarquia militar. Desta forma, com a modernização das Forças Armadas brasileira e a formação de funções nas quais a fraqueza física da mulher frente ao homem não seria contestada, o acesso feminino tornou-se uma realidade (D' ARAÚJO, 2003, 2004, 2006; ADÃO, 2007; SANTOS, 2008a; LANNES, 2008).

A inserção feminina foi “cuidadosa”, ilustrativa das incertezas que os chefes militares tinham quanto ao impacto da entrada das mulheres na instituição e baseada numa “ideia de proteção” quanto à adoção de regulamentos e procedimentos militares que geririam as suas presenças. Neste sentido, as medidas executadas para com o feminino foram “diferenciadoras” e “superdimensionadas” (D'ARAÚJO, 2006, p. 8).

Conforme o ocorrido na Marinha em 1980, na Aeronáutica em 1982, o Exército iniciou em 1989 o acesso feminino pelos Colégios Militares (CMs), com o centenário de sua escola mais tradicional o Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ).

Os autores/as constataram que a presença das alunas nos CMs poderia provocar a descaracterização e a queda do nível da escola, uma vez que era um mundo pensado para a educação de meninos. Perceberam que a inserção possibilitou pequenas mudanças nos espaços, nas relações dos militares com as alunas, nas atividades do dia-a-dia, nos uniformes. Eles instituíram o veto inicial à participação em rituais e treinamentos de ordem unida que envolvesse o manuseio de armas e a participação em certos esportes como o futebol (LOHMANN, 2005; REZENDE, 2009; CARRA, 2008, 2012).

O acesso, a inserção e a interação inicial de alunas nos CMs ocorreram conforme o identificado nas Forças Armadas, de forma cuidadosa e paternalista (LOHMANN, 2004; LOHMANN; VOTRE, 2006; CARRA, 2008; REZENDE, 2009). Para os militares foi assumido como uma missão. Para as alunas foi um paraíso em que tudo era novidade, sem questionamentos, foi marcada pelo deslumbramento inicial (LOHMANN, 2005).

Consideramos que as situações que contextualizaram o acesso de alunas/mulheres no meio militar brasileiro foram previamente determinadas pela visão androcêntrica tradicional, ou seja, revelaram que as mulheres estariam simbolicamente voltadas à resignação e à discricção. A presença delas acionou todo um estoque representacional que confere ao masculino um lugar de exercício de poder sobre o masculino naturalizado.

Categoria 2 – Permanência

O convívio feminino na caserna foi marcado por tensões e limitações, sejam aquelas relacionadas à ausência de instalações físicas adequadas para integrá-las às atividades do dia-a-dia, sejam pelas representações com relação à exigência de desempenho ou pela constante exclusão profissional às quais elas foram submetidas.

Elas enfrentaram dificuldades com o ambiente escolar ou militar. Os motivos envolvem o pioneirismo na instituição militar, ou seja, por terem ficado em evidência grande parte do tempo, pelas pressões constantes exercidas sobre elas com relação a serem exemplos, pela possibilidade de falharem como resultado de um desempenho ruim, por não estarem à altura do esperado para uma aluna ou militar das Forças Armadas ou ainda devido à presença dos mesmos discursos generalizantes sobre o ser feminino, como a sua natureza frágil e vocação maternal (SANTOS, 2008a; SANTOS, 2008b, SILVA, 2006a, 2006b, 2007; BASTOS, 2009).

O tratamento adotado com as militares foi marcado pela diferenciação expondo uma instituição militar engessada numa estrutura paternalista. A cobrança tendeu a ficar amenizada em função do entendimento preconceituoso de que as mulheres não teriam as mesmas capacidades/habilidades dos homens. Apesar disso, a adoção desse mecanismo de proteção repercutiu positivamente, percebeu-se uma dose extra de civilidade nos ambientes militares masculinizados, a adoção de um linguajar mais flexível, comportamentos mais democráticos, o incremento de uma maior flexibilidade, afetividade e versatilidade, a diminuição da rigidez e a humanização da instituição militar (SILVA, 2006a; 2006b; 2007; PASSOS *et al.*, 2009; SANTOS; COUTINHO, 2010).

A permanência delas foi sedimentada na exclusão de determinadas atividades e na hierarquização de gênero comuns do universo militar (SOUZA, 2011). A exclusão verificada pelos autores não foi realizada claramente ou explicitamente, mas de forma velada, constituiu-se num mecanismo de discriminação baseado principalmente no fato delas estarem ocupando um lugar historicamente de construção identitária masculina (SANTOS, 2008b; SANTOS; COUTINHO, 2010).

Entendemos que para a mulher realmente chegar a conseguir uma posição, teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma

estatura física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a autoridade dita natural etc., para as quais os homens foram preparados e treinados enquanto homens.

Três aspectos sintetizaram o relacionamento das mulheres com a carreira militar. De acordo com Silva (2006^a, 2006b, 2007) o primeiro aspecto destacou o fato de que elas serem mulheres se sobrepõe ao fato de serem militares, pois com o convívio elas foram tratadas de forma educada ou preconceituosa demais pelos companheiros e superiores, comprometendo um dos principais valores do militarismo, a hierarquia. O segundo envolveu a atitude profissional a ser adotada por elas, ou seja, que a militar ser parecida com um homem aproxima-a da realidade militar e neste sentido, para ser vista mais como militar do que como mulher, em certas situações, seria preciso apresentar um conjunto de elementos tidos como masculinos. O terceiro envolveu a percepção delas com a carreira, ao reconhecerem o espaço militar como masculino, e que apesar disto, ao empregarem atitudes e comportamentos mais femininos colaborarem, contraditoriamente ao espírito militar, para mudanças nas relações dentro da instituição. (SILVA, 2006a, 2006b, 2007).

As pioneiras dos Colégios Militares (CMs) também enfrentaram dificuldades e resistências no interior da instituição e da sociedade da época. O tratamento para com elas foi conforme o ocorrido nas Forças Armadas, diferenciado e paternalista, marcado por relações de poder que construíram formas de relacionamento e organização social de dominação. As escolas evidenciaram a necessidade de adequação àquela novidade, devido ao despreparo dos militares em lidarem com a novidade, eles precisavam exercer maior controle e acompanhamento dos alunos/as durante o período letivo. A consequência disto foi o gradativo aumento na quantidade de professoras e monitoras em cada escola (LOHMANN, 2004; LOHMANN, 2005; LOHMANN; VOTRE, 2006; CARRA, 2008; REZENDE, 2009).

A presença das alunas nos CMs também possibilitou a suavização da cobrança e do rigor disciplinar nas instituições (LOHMANN, 2005; CARRA, 2012). Informou-se, porém, que com o passar dos anos os cuidados diminuíram de intensidade, a ponto de constatar-se que elas tornaram-se alunas e atletas modelares, superando muitas vezes os alunos em atividades associadas ao cotidiano militar (LOHMANN, 2005; LOHMANN e VOTRE, 2006).

O convívio estabelecido entre as alunas com o militarismo e o tratamento dispensado a elas expuseram a realidade das Forças Armadas em nosso país. Consideramos essa experiência como um processo em construção, de acordo com o informado por Louro (2002), de que, tanto nas salas de aulas como e em outros espaços sociais elas viverem diferentes e

intrincadas relações nas quais sofreram e exerceram poder e que não devemos pensá-las como subjugadas, o que talvez empobreça demasiadamente sua história.

Categoria 3 – Representações da Mulher nas Forças Armadas

A possibilidade de acesso e incorporação feminina neste novo campo de trabalho, diferentemente da maioria das outras profissões, não foi consequência de reivindicações femininas, ao contrário, foi conquistado apesar da ausência do interesse civil pelas questões militares (MATHIAS, 2005; SANTOS, 2008a). Lohmann (2005) refletiu sobre estas considerações no Colégio Militar do Rio de Janeiro explicando que num certo sentido, poder-se-ia dizer que as alunas não conquistaram o espaço no colégio e sim que ele foi concedido pelo Exército, entretanto, complementa dizendo que em nível macro, entendeu que tal conquista foi “a consequência do esforço desencadeado pelas mulheres em sua trajetória de ascensão e inclusão social desde o início do século XX, e em especial no Brasil na década de 1980, com a transição democrática, consolidada pela Constituição Federal de 1988” (p. 45).

As mudanças ocorridas no militarismo brasileiro com o acesso das mulheres não significaram transformações substantivas nos critérios de ação interna e de organização da instituição militar. Os princípios que “regem as Forças Armadas, hierarquia e disciplina continuarão a ser os mesmos na pós-modernidade, apesar da presença feminina, não significando com isso alterar o *ethos* da instituição voltado para formar seres humanos preparados para defender a sociedade” (D’ARAÚJO, 2004, p. 2).

Os/as autores/as confirmaram que as Forças Armadas continuam regidas por códigos e características entendidas como masculinas tais como, respeito, liderança, coragem, austeridade, iniciativa, força, virilidade, agressividade e capacidade de enfrentamento, em contraposição com os femininos, como a fragilidade, o caráter receptivo, tolerante, o “jeitinho” feminino de resolver as coisas, apresentados como limitantes das carreiras das mulheres na instituição militar (D’ARAÚJO, 2003, 2004, 2006; SILVA, 2006^a, 2006b; 2007; ADÃO, 2007; SANTOS, 2008a; BASTOS, 2009; PASSOS *et al.*, 2009; SOUZA 2011).

Além desses aspectos outros foram levantados tentando justificar a não presença feminina na corporação, como suas faltas de força e resistência físicas para desempenharem serviços pesados, a ausência de infraestrutura para recebê-las, a pretensa aversão feminina a ambientes confinados e isolados, os longos períodos que as manteriam afastadas de casa, a

incompatibilidade entre maternidade, cuidado com os filhos pequenos e a vida militar (LOMBARDI, 2008; 2010).

Apesar de toda discriminação percebida pelos autores/as e ainda existente na instituição militar, das limitações e preconceitos em termos de promoção na carreira, a presença das alunas/mulheres foi assimilada pelas três Forças brasileiras de forma bastante positiva, elas consolidaram alguns espaços na caserna, porém há ainda um longo caminho a ser percorrido. Os embates existentes expressam posições mais amplas da sociedade e do lugar ocupado pelas mulheres no imaginário social. (D' ARAÚJO, 2003, 2004, 2006; SANTOS 2008a; LOMBARDI, 2008).

A coesão organizacional da instituição militar depende do espírito militar que a alicerça, da disciplina que é estabelecida pelo meio, ou seja, de que forma o sentimento de pertencimento a este grupo influencia a construção de sua identidade e moldura as condutas morais estruturando os espaços funcionais e hierárquicos. Essa coesão buscada pela corporação se autossustenta e, segundo Foucault (1999, p. 180), “ao mesmo tempo em que se produz verdade para subsidiar as relações sociais, que são relações de dominação, o poder, na forma da verdade, expresso em leis, nos julga, condena, classifica e nos obriga a desempenhar tarefas e viver conforme convenções determinadas”.

Assim, a presença feminina na corporação não deixa de ser um constante desafio para a instituição militar, “porque a cada nova situação que possa surgir com o contingente feminino nas Forças Armadas (promoção de posto, casamento entre militares, etc.) é preciso buscar novas formas de adequação que não comprometam as regras e normas da instituição” (SILVA, 2006a, p.17).

Os autores/as em suas considerações finais direcionaram as reflexões para aspectos que envolvem relações de Gênero. Informaram que as percepções de feminilidade e masculinidade estão a todo o momento sendo articuladas e se reconstruindo nas relações do cotidiano na instituição militar e que a mulher que optar por essa carreira terá que adaptar a sua identidade à predominância de padrões e estereótipos tradicionais masculinos e femininos com padrões contemporâneos, que preconizam a independência financeira e o investimento na carreira profissional (SANTOS, 2008b; SILVA, 2006a, 2006b, 2007; BASTOS, 2009; SANTOS; COUTINHO, 2010).

As marcas mais permanentes atribuídas pela convivência das alunas/mulheres conceberam-se nas experiências, em situações vividas naquele contexto. O cotidiano estruturou as personalidades, construiu identidades sociais que se tornaram possivelmente registradas permanentemente em seus corpos. Esses corpos passaram pela construção cultural,

de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertenceram (LOHMANN; VOTRE, 2004, ARRUDA, 2009).

Os discursos dos autores constituem a expressão de suas reflexões e análises, expõe a necessidade de aprofundamento, em função da carência de trabalhos sobre o assunto, a lacuna existente e a necessidade de novas pesquisas sobre o assunto.

CONCLUSÕES

Procuramos neste estudo mapear e analisar os estudos realizados sobre o discurso do acesso à permanência das mulheres nas Forças Armadas Brasileiras e os significados compartilhados através da revisão de vinte e cinco estudos científicos. Eles revelam que:

i) a mudança na forma de pensar o papel do soldado, a dedicação menor à defesa do território e mais as ações de vigilância e proteção de fronteiras, bem como o apoio de tecnologias eletrônicas e digitais, a mudança na forma de se fazer a guerra, contribuíram para que se pensasse o feminino na caserna;

ii) um “acesso” de mulheres vinculado à maior oferta de oportunidades proporcionadas pela vivência democrática no Brasil;

iii) que o acesso feminino obteve respaldo no enxugamento de quadros, movido pela necessidade de suprir com pessoal qualificado determinadas funções de pouco interesse masculino em decorrência do desprestígio da profissão militar e pelos baixos proventos proporcionados ao homem militar;

iv) as mulheres foram cuidadosamente inseridas e excluídas de atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar, tratadas em muitos momentos de forma diferenciada em regulamentos e procedimentos militares e consideradas como seres que precisavam ser cuidados e protegidos;

v) que o cotidiano de trabalho do público feminino na caserna foi marcado por limitações e exclusão profissional. Expôs as resistências tanto da sociedade da época como do ambiente militar, o quanto elas ficaram em evidência, o despreparo dos militares em lidar com o público feminino e a pressão sofrida pela possibilidade de serem desligadas;

vi) apesar das dificuldades, algumas mudanças positivas no ambiente foram percebidas como uma maior flexibilidade no tratamento, um linguajar menos duro com

comportamentos menos autoritários dos militares homens, uma dose extra de civilidade aos ambientes outrora masculinos.

vii) com a convivência os estereótipos sexuais firmaram os membros como diferentes, legitimando as áreas destinadas às mulheres e reduzindo-as a atividades de apoio. Ainda percebe-se a permanência de cotas que as limitam e as impedem de ascender profissionalmente na corporação, mas em contrapartida, apesar de preconceitos e limitações, suas presenças foram assimiladas positivamente.

viii) os/as autores/as identificaram com a permanência das alunas/mulheres nas Forças Armadas e Colégios Militares brasileiros que as elas deveriam atender a padrões profissionais entendidos como masculinos e, portanto, militares. Os padrões femininos foram percebidos como naturalmente avessos à atuação afastando-as de exercer suas funções com eficiência. Então ser mulher se sobrepõe ao fato de ser militar na instituição, ou seja, elas terem atitudes parecidas com as adotadas pelos homens poderia aproximá-las mais dessa realidade.

ix) os autores questionaram se este novo campo de trabalho feminino foi de fato consequência de reivindicações femininas, se isto representa uma conquista das mulheres e da sociedade ou se consiste numa adaptação às regras onde se nega a identidade feminina e se desconstrói o seu eu.

Apesar das mulheres atuarem pela alteração dessa realidade os entraves existentes expressam posições mais amplas da sociedade e do lugar ocupado pelas mulheres. A busca do entendimento desse processo, de como homens e mulheres interagiram, de como vivenciaram a estrutura dessa organização e lidaram com a presença feminina no cotidiano profissional, puderam ser atendidas nas representações construídas pelos autores em seus textos e não se esgotaram com nosso trabalho.

Inúmeras pessoas vivenciam a história inicial das alunas/mulheres nas Forças Armadas e Colégios Militares. As relações estabelecidas são, parafraseando Louro (2002, p.479), “constituída[s] e constituinte[s] de *relações sociais de poder*” imbricadas em todo o tecido social, de tal forma que os diversos sujeitos sociais exercitam e sofrem os efeitos do poder. Todos são, ainda que de modos diversos e desiguais, controlados e controladores, capazes de resistir e de se submeter.

Através desses estudos verificamos a apresentação de grande parte do processo de acesso e permanência das alunas/mulheres nas Forças Armadas e Colégios Militares. Os estudos, em sua maioria, referiam-se às inserções e vivências das primeiras alunas/mulheres, alertando-nos sobre a necessidade da continuidade de averiguação, ou seja, da interação delas nos anos subsequentes. Assim, nosso próximo passo direciona-se para o Colégio Militar do

Rio de Janeiro, buscando investigar como se constituem na atualidade as representações sobre a interação de alunas no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ADÃO, Maria Cecília de Oliveira. A formação militar e a incorporação feminina: as dificuldades na ocupação de novos espaços. In: I Encontro da Associação Brasileira de Estudos de Defesa – ABED. 1. *Anais...* Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/Integra/Maria_Cec%C3%ADlia_de_Oliveira_Ad%C3%A3o_12-08-07.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.

BASTOS, Maria Lúcia da Costa. *Formação de identidade da mulher militar: Análise de caso do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro*. Monografia (Curso de Formação de Oficiais) Escola de Saúde do Exército, Programa de Pós-Graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.essex.ensino.eb.br/doc/PDF/PCC_2009_CFO_PDF/1%B0%20Ten%20A1%20M%20L%DACIA%20DA%20COSTA%20BASTOS.pdf>. Acesso em: 20 out. 2012.

BAUER, Martin. W.; GASKEL, George. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, W. M. GASKELL, G. ALLUM, N. C. Quantidade, qualidade e interesses do conhecimento, In: BAUER, W. M. GASKEL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CARRAS, Patrícia R. Augusto. *O casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1201>. Acesso em: 14 dez. 2013.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. Meninas no Colégio Militar de Porto Alegre. In: IX ANPED Sul. 9. Porto Alegre: PUC, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3127/55>>. Acesso em: 10 out. 2012.

CASERNA. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/caserna/>. Acesso em 20 out. 2012.

D' ARAÚJO, Maria Celina. *Pós-modernidade, Sexo e Gênero nas Forças Armadas*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2003. Disponível em: <<http://www.ndu.edu/chds/journal/PDF/2003/dAraujo-essay.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

- D' ARAÚJO, Maria Celina. *Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2004. Disponível em: <<http://www.resdal.org/lasa-04-daraujo.pdf>>. Acesso 22 out. 2012.
- D' ARAÚJO, Maria Celina. *Mulheres e questões de gênero nas Forças Armadas brasileiras*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2006. Disponível em: <<http://www.resdal.org/producciones-miembros/redes-03-daraujo.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In RABINOW, p.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória Filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LANNES, Suellen Borges de. *A inserção da mulher no moderno Exército Brasileiro*. Niterói: UFF, 2008. Disponível em: <<http://www.abed-defesa.org/page4/page8/page9/page14/files/SuellenLannes.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2010.
- LOHMANN, Liliana. VOTRE, Sebastião. *Gênero e educação: o discurso da elite masculina sobre a entrada da primeira turma feminina no colégio militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UGF, 2004. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf>>. Acesso 03 out. 2012.
- LOHMANN, Liliana Adiers. *A inserção acadêmica e esportiva da 1ª turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
- LOHMANN, Liliana. A inserção esportiva da primeira turma feminina no Colégio militar do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 14. *Anais...* Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/br/anais/conbrace2005.pdf>>. Acesso em: 23 de out. 2012.
- LOHMANN, Liliana Adiers. VOTRE, Sebastião Josué. A Inserção acadêmica e esportiva da primeira turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 665-680, set.-dez./2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a05v14n3.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.
- LOMBARDI, Maria Rosa. *As mulheres nas Forças Armadas brasileiras: a marinha do Brasil 1980-2008*. São Paulo: FCC/DPE, 2009. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/textos_fcc/arquivos/1484/arquivoAnexado.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.
- LOMBARDI, Maria Rosa. *Profissão engenheira naval da marinha de Guerra do Brasil*. São Paulo: FCC, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n2/14.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e Educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 101-132, jul/dez, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LOURO, Guacira Lopes. *Sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MATHIAS, Suzeley Kallil. *As mulheres chegam aos quartéis*. São Paulo: UNESP, 2005.
Disponível em:
<http://www.iidh.ed.cr/comunidades/seguridad/docs/seg_docfuerzas/as%20mulheres%20ffaa-suze-2005.pdf> . Acesso em: 22 out. 2012.
- MATHIAS, Suzeley Kallil. *Igualdade de gênero nos meandros das missões de paz e na carreira diplomática. Sob o signo de Atena: gênero na diplomacia e nas forças armadas*. São Paulo: UNESP, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a24v19n1.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2012.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L. NECKEL, J. F. GOELLNER, S. V. *Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MORAIS, Ronaldo Queiroz de. *Do exército moderno à república militar: caserna, política e tensão (1913-1977)*. 2009. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-123226/pt-br.php>> . Acesso em: 20 jun. 2012.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MULHERES JÁ REPRESENTAM 6,34% DO EFETIVO TOTAL NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS. Disponível em: <www.brasil.gov.br>. Acesso em: 03 ago. 2013.
- OLIVEIRA, Rosilene. *Mulheres nas Forças Armadas Brasileiras: uma proposta de estudo sobre a contribuição das mulheres na construção de um novo espírito militar*. Brasília: UnB, 2006. Disponível em:
<http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/699/1/2006_RosileneOliveira.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2010.

PASSOS, Carla Cristina, NANTUA, Ana Vera Falcão. GONZALES, Selma Lúcia de Moura. *Relações de gênero e a formação de grupos mistos na Escola de Administração do Exército (EsAEx)*. Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <www2.uel.br/cch/his/mesthis/abed/anais/CarlaChristinaPassos.doc> . Acesso em 25 abr. 2010.

REZENDE, T. A. *Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília: 1989 – 1995*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

REZENDE, Thelmy Arruda de. *Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília*. Brasília: UnB, 2009. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/33/TDE20091005T173524Z4425/Publico/2009_ThelmyArrudadeRezende.pdf>. Acesso em: 15 set. 2011.

SANTOS, Lauciana Rodrigues dos. *A participação das Mulheres nas Forças Armadas Brasileira: um debate contemporâneo*. Marília: PPGCS/Unesp, 2008a. Disponível em: <<http://www2.uel.br/cch/his/mesthis/abed/anais/LaucianaRodriguesdosSantos.pdf>>. Acesso 01 mar. 2010.

SANTOS, Marina Miranda Lery. *Da sombra aos holofortes: a construção da identidade das primeiras mulheres aviadoras da força aérea brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008b. Disponível em: <http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arqanexos/arqteses/marinamiranda.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

SANTOS, Marina Miranda Lery. COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. *Mulheres na Força Aérea Brasileira: um estudo sobre as primeiras oficiais aviadoras*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n3/a05v15n3.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2012.

SCOTT, Jean. *Gênero: uma abordagem útil de análise histórica*. Porto Alegre: Gráfica Valci, v.20, n.2, p 9-255, jul./dez. 1995.

SILVA, Cristina Rodrigues da. *Gênero, hierarquia e forças armadas: um estudo etnográfico acerca da presença de mulheres nos quartéis*. São Paulo: UFSCAR, 2006a. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/conteudo/000NOTICIAS/Premios/LeviStrauss/cristina.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2012.

SILVA, Cristina Rodrigues da. *Mulheres na caserna: masculino e feminino nas Forças Armadas*. São Paulo: UFSCAR, 2006b. Disponível em: <http://www.unifa.aer.mil.br/seminario3_grad/trabalhos_2009/Cristina%20Rodrigues%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

SILVA, Cristina Rodrigues da. *Masculinidades e feminilidades nas Forças Armadas: uma etnografia do ser militar, sendo mulher*. São Paulo: UFSCAR, 2007. Disponível em: <http://www.arqanalagoa.ufscar.br/abed/Integra/Cristina_Rodrigues_da_Silva_13-08-07.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

SOUZA, Marcos Santana de. *Novos espaços do feminino: trabalho, gênero e corporações militares no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2011. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/sociaisehumanas/article/viewFile/2714/2860>>. Acesso em: 22 out. 2012.

THOMAS, Jerry R. NELSON, Jack K. *Métodos de pesquisa em atividade física*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das Representações Sociais. In: GUARECHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes. 2003.

VERDE OLIVA. Centro de comunicação social do exército. Brasília: Gráfica Valci, v. 17, n. 122, p. 10-11, 1988.

2 ESTUDO 2 – ENTRE A DISCIPLINA E A ORDEM: A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE MENINAS NO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO (ARTIGO CIENTÍFICO)

RESUMO

O acesso de meninas no Colégio Militar do Rio e Janeiro (CMRJ) ocorreu em 1989 com o centenário da instituição. Hoje no ensino fundamental e médio quase a metade dos estudantes são alunas. Após 26 anos de suas inserções direcionamos nosso objetivo para investigar e analisar a construção identitária delas no CMRJ, tendo como foco suas atividades escolares. A pesquisa é qualitativa e orientada pelo referencial teórico metodológico das Representações Sociais em sua abordagem processual proposta por Moscovici (1978, 2003) e a análise com Coulon (1995). Participaram da investigação vinte alunas do 2º ano do ensino médio do CMRJ, que responderam a um roteiro semiestruturado, no espaço da escola, de forma voluntária e autorizado antecipadamente pelos responsáveis. Os resultados informam que as alunas transitaram num espaço de tradição masculina corroborado pelas históricas lutas feministas. Elas superaram as dificuldades iniciais e se mostraram eficientes no trato com as normas e regulamentos da escola. Adaptaram-se as qualidades tradicionais de ensino da instituição, respondem bem ao treinamento e a disciplina orientada no processo escolar. Consideramos que ocorreu uma divisão binária de gênero e um modelo masculino militar aplicado para o feminino na escola. Apesar da heterogeneidade de situações vivenciadas, elas sentem-se protegidas e cuidadas, conforme o verificado na literatura. O desejo de tornarem-se disciplinadas, de utilizarem-se da tradição e da qualidade de ensino, incorporou-se às suas aspirações, estruturando suas identidades e influenciando suas vidas profissionais futuras.

Palavras-chave: Gênero, Representação social, Educação de mulheres, Colégio Militar.

ABSTRACT

Access of girls at the Military College of Rio de Janeiro (CMRJ) occurred in 1989 with the centenary of the institution. Today in elementary and high school almost half of the students are girls. After 24 years of their acceptance we direct our goal to investigate and analyze the construction of their identity in CMRJ, focusing on their school activities. The research is qualitative and guided by methodological theoretical framework of social representations in its procedural approach, proposed by Moscovici (1978, 2003) and analysis by Coulon (1995). Twenty students participated in the investigation at CMRJ 2nd grade high school, who voluntarily answered a semi-structured guide at school space, previously authorized by their responsible. The results report that the students moved around a traditional male space asserted by historical feminist struggles. They have overcome the initial difficulties and have proved efficiency in dealing with the rules and regulations of the school.

They have adapted to the traditional qualities of the educational institution, responding well to training and discipline oriented by school process. It was considered that a binary gender division has occurred and a military male model was applied to the female one at school. Despite the heterogeneous situations experienced, they feel protected and cared for, as seen in the Literature. The desire to become disciplined, to make use of tradition and quality education were incorporated to their aspirations, structuring their identities and influencing their future professional lives.

Keywords: Gender, Social representation, Women education, Military College.

INTRODUÇÃO

As Forças Armadas brasileiras inseriram mulheres em seus quadros a partir 07 de julho de 1980 na Marinha⁹, em 1982 na Aeronáutica¹⁰ e no Exército em 1989, este, primeiramente nos Colégios Militares (vinculados ao Sistema Colégio Militar do Brasil - SCMB)¹¹ em nível de ensino médio e fundamental. Em 1992 as primeiras mulheres militares do Exército ingressaram na Escola de Administração (EsAEx) em Salvador e depois em 1996, como militares temporárias em diversas áreas e graduações.

A presença pioneira de alunas nos Colégios Militares (CMs) ocorreu em comemoração ao centenário do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) através de concurso de admissão para o 6º ano do ensino fundamental, com número de vagas pré-determinado em cada estabelecimento e apenas nas escolas abertas naquele período, ou seja, no Rio de Janeiro (CMRJ), em Fortaleza (CMF), Manaus (CMM), Porto Alegre (CMPA) e Brasília (CMB).

Três trabalhos acadêmicos abordaram a inserção das alunas pioneiras nos CMs, dois de mestrado, “A inserção acadêmica e esportiva da primeira turma feminina nos Colégio Militar do Rio de Janeiro” (LOHMANN, 2005) e “O casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)” (CARRA, 2008) e outro de Doutorado, “Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília: 1989 –

⁹ no Corpo Auxiliar da Reserva da Marinha, atuando na área técnica e administrativa.

¹⁰ através do Quadro Feminino de Oficiais da Reserva (QFO) e do Quadro Feminino de Graduados da Reserva (QFG).

¹¹ O Sistema Colégio Militar (SCM) é composto por treze escolas de ensinos fundamental (6º ao 9º ano) e médio, possuindo a função de ministrar a Educação a aproximadamente 14.400 alunos, dos quais 7% são estudantes advindos de concurso público, e os demais por filhos de militares do Exército transferidos e de outras forças, além de filhos órfãos de militares falecidos em combate ou serviço. Atualmente é composto pelos Colégios Militares do Rio de Janeiro (CMRJ), Brasília (CMB), Fortaleza (CMF), Porto Alegre (CMPA), Manaus (CMJF), Juiz de Fora (CMJF), Campo Grande (CMCG), Santa Maria (CMSM) e a Fundação Osório.

1995” (REZENDE, 2009) com o objetivo de retratar, discutir e dar visibilidade ao processo inédito de inserção feminina naquele ambiente masculino.

Os autores observaram que elas enfrentaram dificuldades no interior da instituição e resistências da sociedade da época. A representação social circulante era a de que a presença de meninas no Colégio Militar poderia provocar a descaracterização e a queda do nível intelectual dos colégios. Enfatizaram que a entrada das mulheres provocou pequenas mudanças nas relações interpessoais, nos espaços escolares, nas atividades do dia-a-dia e nos uniformes usados pelos meninos e meninas. Afirmam também que alguns conflitos foram desencadeados como: o veto inicial à participação em rituais e treinamentos de ordem unida que envolvesse o manuseio de armas e a participação em certos esportes como o futebol. Evidenciaram a necessidade de adequação da escola àquela novidade, o despreparo dos militares em lidarem com meninas, as necessidades de se exercer maior controle e acompanhamento deles/as durante o período letivo e o aumento gradativo de professoras e monitoras em cada estabelecimento (LOHMANN, 2004,2005; LOHMANN; VOTRE, 2006; CARRA, 2008, 2012; REZENDE, 2009).

As mudanças ocorridas em diversas instituições militares no Brasil coincidem com o momento de democratização da sociedade e de modernização das próprias Forças Armadas nas décadas de 1970 e 1980 (MORAES, 2009). Giddens (2002) reflete sobre este contexto expondo que o surgimento das instituições modernas e suas interferências na ordem social, nos hábitos e costumes tradicionais, passam a se entrelaçar com a vida individual e, portanto, com o eu, proporcionando novos “mecanismos de auto-identidade” que são constituídos “pelas instituições da modernidade, mas que também as constituem” (p.09).

As mudanças estruturais ocorridas no entendimento e formação das identidades pessoais, principalmente sobre os aspectos que envolvem a ideia que temos de nós mesmos como sujeitos e a transformação contínua das “formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam”, nos conduziram a reflexão sobre a formação identitária das meninas no CMRJ, de acordo com as considerações de Hall (2011, p.13).

O autor explica que a modernidade possibilitou ao sujeito assumir identidades em diferentes momentos e espaços, e que estas não estão “unificadas ao redor de um “eu” coerentes”, que continuamente deslocam-se. Ele ainda aponta que este movimento foi consequência de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento em função principalmente de cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas. O primeiro envolveu as tradições do pensamento Marxista, sua redescoberta e reinterpretação ocorridas

na década de sessenta¹², o segundo envolveu a descoberta do inconsciente por Freud¹³, o terceiro deveu-se ao linguista estrutural Saussure e o argumento de que nós não somos os autores das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua¹⁴, o quarto expôs o trabalho de Foucault e o destaque dado ao “poder disciplinar”, a preocupação com a regulação, a vigilância do indivíduo e do corpo imprimidas pelas instituições que policiaram e disciplinaram as populações modernas e o quinto, deveu-se ao impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social¹⁵.

Assim, devido ao impacto dos trabalhos de Foucault e das teorias feministas na idealização de nosso estudo, procuramos entender a estruturação da identidade das alunas como uma abordagem discursiva de acordo com Hall (2013), edificada na “identificação construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são compartilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”, como um processo nunca completado, algo sempre em articulação e que opera por meio da “produção da diferença”, uma prática de significação que envolve um “trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas” (p.106).

Contamos com o estudo de Scott (2005) sobre “O enigma da Igualdade” e a discussão dos conceitos de igualdade e diferença, do gênero, das identidades individuais e de grupo, enfatiza a necessidade de historicidade dentro da sociedade contemporânea. Ela expõe a disputa ocorrida sobre instituições escolares separadas para homens e mulheres, meninos e meninas, os questionamentos da igualdade exigir as mesmas condições para todos e, quando separadas se são prejudiciais ou vantajosas, por exemplo.

Nosso estudo alinha-se também com os debates teóricos de Louro (2001) e o enfoque de “Gênero” no que tange as práticas cotidianas em que todos os sujeitos se envolvem, que

¹² Através da afirmação de que “os homens (sic) fazem história, mas apenas sob condições que lhes são dadas”; no sentido de que “os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições histórica criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos matérias e da cultura que lhes foram fornecidos por gerações anteriores” (HALL, 2011, p.34).

¹³ Baseado na teoria de que “nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos simbólicos do inconsciente, que funciona com uma lógica muito diferente da Razão”. (HALL, 2011, p. 36)

¹⁴ No sentido de que “nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual” (HALL, 2012, p. 40).

¹⁵ “O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968”” (HALL, 2011, p.44).

precisam se tornar alvos de atenção, do que é tomado como natural sobre a presença de alunas no CMRJ. Neste sentido as relações estabelecidas no contexto da Escola são “constituída[s] e constituinte[s] de *relações sociais de poder*” imbricadas em todo o tecido social, de tal forma que os diversos sujeitos sociais exercitam e sofrem os efeitos do poder (LOURO, 2002, p.479).

Concordamos com a autora em função dela não atribuir “à escola nem o poder nem a responsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos de determiná-las de forma definitiva”, mas reconhecendo “que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade, constituem parte significativa das histórias pessoais”. Seus corpos devem, pois, “apresentar marcas visíveis desse processo; marcas que, ao serem valorizadas por essas sociedades, tornam-se referência para todos” (LOURO, 2001, p.15).

Desta forma, nossos objetivos são investigar e analisar a construção da identidade das alunas do CMRJ em atividades escolares sob a ótica de gênero à partir de 1989. Possuímos a hipótese de que as marcas mais permanentes atribuídas pela convivência das alunas com o militarismo exercido no CMRJ conceberam-se nas experiências adquiridas naquele contexto, contribuindo para aquisição de suas posturas, escolhas de vida e para a suas construções identitárias.

MÉTODO

O estudo é qualitativo e orientado pela teoria das Representações Sociais com Moscovici (1978, 2003), no sentido de um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas a partir das quais os homens tornam inteligível a realidade física e social e inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas. Elabora-se “um processo de construção da percepção que leva a algum evento correspondente à tomada de consciência do objeto, da realidade enquanto percebida”.

Para o autor representar alguma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo. É reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre conceito e percepção cria a impressão de “realismo”, de materialidade das abstrações, visto que podemos agir com elas, e de “abstração das materialidades, porquanto exprimem uma ordem precisa” (MOSCOVICI, 1978, p. 57).

A pesquisa foi realizada através de entrevista com vinte alunas do 2º ano do ensino médio do CMRJ em 2012. Estas ocorreram através de um roteiro semi-estruturado sobre suas

interações escolares (APÊNDICE D) no espaço da escola, de forma voluntária, em horário preestabelecido e autorizado antecipadamente pelos responsáveis. Foi determinado que as alunas entregassem o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C) no prazo máximo de sete dias, o que foi cumprido, não acarretando nenhuma exclusão das participantes.

Trabalhamos a análise com Coulon (1995), através da etnometodologia, porque ele analisa o aqui-e- agora das interações, apropriando-se de sua ótica e representação, numa abordagem qualitativa do social. A etnometodologia utiliza-se dos “etnométodos” que são uma lógica do senso comum “que se tem dentro de si mesmo”, e que permitem reconhecermo-nos como vivendo num mesmo grupo particular, numa organização ou instituição local. (COULON, 1995, p.51).

O autor considera que a relação entre “ator” e “situação” será produzida por “processos de interpretação”. Esclarece que se deve levar em consideração o “ponto de vista dos autores, seja qual for o objeto de estudo, pois é através do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, que constroem seu mundo social” (COULON, 1995, p.10).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de forma a contextualizar a escola militar na atualidade, as representações sobre as atitudes iniciais, o tratamento recebido, as intenções, expectativas e experiências na convivência das meninas como alunas no CMRJ.

O Contexto de Acesso Escolar Atual

O acesso de alunos/as no Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) é realizado por concurso de admissão no 6º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. São contemplados com vagas também os/as filhos/as de militares do Exército transferidos, filhos/as de militares de outras forças com vagas pré-determinadas e aqueles/as que por amparo legal precisem ser matriculados (por falecimento do militar responsável).

No concurso de admissão atual não ocorre mais a destinação de vagas por sexo como foi realizado em 1989 pelas pioneiras, mas sim, um número de vagas de acordo com as

possibilidades do estabelecimento em assimilar os pretendentes. A outra forma de ingresso diz respeito ao atendimento a filhos/as de militares de outras forças, como Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar e Bombeiros, que realizam provas internas de acordo com um número de vagas anual, destinado a cada força.

De acordo com as entrevistadas a maior parte delas ingressou por transferência de familiares militares para o Rio de Janeiro a partir do 6º ano do ensino fundamental e 1ª série do ensino médio o que nos coloca diante de um grande número de estudantes sem concurso público. As outras alunas entrevistadas fizeram seus ingressos na escola por amparo legal, ou seja, também sem concurso e muitas vezes com defasagem de conteúdos. Verificamos que a entrada de mais alunas no ensino médio altera o tempo de permanência delas no colégio, de 7 anos (quando ingressa a partir do ensino fundamental) para apenas três ou dois anos apenas, o que acarreta uma experiência menor com as particularidades militares do Colégio.

Os motivos que as conduziram a estudarem no CMRJ envolvem o *status* de escola tradicional e a boa qualidade de ensino em sua maioria. A influência dos familiares também é significativa na adesão ao sistema, em função dos militares possuírem a opção de acesso a seus dependentes em caso de transferência. Verificamos que esta última possibilidade no acesso invoca a não identificação delas com o sistema ao qual passaram a pertencer.

Consideramos que a diversificação de influências no acesso das meninas atualmente interfere com o nível e qualidade de experiência acadêmica dos/as alunos/as bem como com o tempo de formação e vivência com os preceitos militares. Entendemos que a escola passou a ser mais assistencialista do que nivelada pelo alto rendimento escolar advindo da tradição centenária do CMRJ e baseada em aspectos sociais e econômicos proporcionados, sobretudo, pelas transferências dos militares em nosso país.

A Atitude Inicial e o Tratamento Recebido

Ocorreu um equilíbrio nas respostas das alunas com relação a adaptação inicial ao Colégio, metade informa não terem “*sofrido nenhum problema*” de adaptação e sentirem-se “*maravilhosamente bem com tudo*”, porém reforçam que ocorre “*impacto*” na entrada em “*um ambiente militar*”.

A outra metade, que declarou ter problemas iniciais, expõe-nos a partir de três aspectos: o primeiro refere-se a dificuldade com o ensino rigoroso e a qualidade alta exigida no CMRJ, em função: da base anterior delas não “*ser compatível*” com o que passou a ser

exigido ou pela dificuldade em lidar com a “*metodologia de ensino*”, ou ainda por virem de colégios “*mais fracos*”; o segundo aspecto informado, diz respeito ao espaço físico do colégio intimidar, ou seja, pelo “*colégio ser grande*” e o terceiro, a necessidade de adaptação as normas, “*como o horário*”, a “*adoção do uniforme*” e a utilização de “*saia*”, o “*entender e aceitar a ordem unida*”, “*as formaturas*”, a “*separação das armas (grêmios escolares)*”.

A atitude adotada pelas alunas no convívio inicial com o CMRJ é de timidez influenciada pelo deslumbramento em estar num ambiente de tradição rigorosa, um paraíso onde tudo era novidade. As outras entrevistadas sentiam-se deslocadas por estudar em um local que não conheciam ou ainda sentiram-se pressionadas com relação a obterem boas notas.

Louro (2001) esclarece que desde o início da constituição da instituição escolar, esta exerceu uma ação distintiva, incumbiu-se de separar as pessoas através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização e delimitando espaços informou o que se pode e o que não se pode fazer, apontou aqueles que devem ser modelos, instituiu suas marcas. Desta forma, a construção escolar das diferenças e a identificação das alunas com os modelos militares construíram e estruturaram suas identidades.

A estrutura de pessoal do CMRJ envolve um corpo de militares, alguns com formação pedagógica, outros transferidos de tropa, civis efetivos e contratados, funcionários de secretaria e de limpeza, professores militares e civis, alunos concursados e filhos de militares transferido além dos assistidos por amparo legal, um contingente de pessoas com formações e experiências variadas. Desta forma, o tratamento dispensado às alunas pela administração escolar foi entendido como cuidadoso, protetor, receoso. Já aquele recebido dos professores foi considerado paternalista, atencioso e carinhoso, e para algumas, realizado com indiferença e com receio. Estas respostas confirmam as constatações encontradas nos estudos sobre mulheres no Militarismo (D’ARAÚJO, 2003, 2004, 2006; LOHMANN, 2004; LOHMANN; VOTRE, 2006; CARRA, 2008; REZENDE, 2009).

O tratamento recebido por parte dos alunos diverge das conclusões sobre a inserção de alunas nos CMs elaborados por Resende (2009) e Lohmann (2005) e a percepção de que os mesmos ressentiam-se e as tratavam com hostilidade. Elas informaram que foi realizado “*sem discriminação*” por serem mulheres, com “*companheirismo*” e “*amizade*”, ou “*normalmente e muito bem*”.

Verificamos que as marcas mais permanentes que atribuímos ao ambiente escolar militar não se refletem nos conteúdos programáticos, mas referem-se a situações do dia-a-dia, que expõem as “*experiências comuns ou extraordinárias que vivemos... com colegas, com*

professoras e professores” e que “incidem nas formas como construímos nossas identidades dentro das instituições” (LOURO, 2001, p.13).

As Intenções, Expectativas e Experiências com a Convivência Escolar

O CMRJ proporciona uma estrutura educacional tradicional além de um espaço privilegiado para a prática de atividades físicas. As alunas possuem a intenção de “*destacarem-se*” na parte intelectual e nos “*treinamentos de equipes esportivas e competições*”, representando a escola, ou através de “*pertencer a uma arma do exército no ensino médio*”, fazendo parte dos grêmios estudantis da cavalaria, artilharia, infantaria ou comunicações.

Outras expectativas referem-se a adquirirem “*disciplina*” do sistema militar, a “*aprenderem a ser disciplinadas*”, “*com horários e com suas próprias vidas*”, entendendo que o perfil da escola possa propiciar esse tipo de incorporação. Possivelmente isto ocorre em função da estrutura meritória estabelecida pelos CMs, com graduações e notas aos alunos/as que demonstrarem maior eficiência na execução de suas atividades escolares e esportivas.

As alunas enfatizam que suas experiências escolares foram positivas, “*boa*”, “*agradável*”, “*com bastante aquisição de conhecimento*”, em função de “*ser uma ótima aluna*”, “*ter um desempenho muito bom*”, de ser “*bem esforçada*” e “*nunca ter repetido*” de ano ou “*nunca ter ficado em recuperação final*”, de “*estudar bastante, pois esse é o padrão de uma aluna de cavalaria*”, de gostarem das “*atividades militares (6 de maio, 7 de setembro) pois proporcionam educação cívica*”. Descreveram-nas através da “*tradição*” proporcionada pela escola em formar “*alunos com disciplina rigorosa*” e através da prática das “*regras militares*”.

Expuseram que a linha de ensino “*onde o aluno é responsável por seus atos, cobrando e incentivando os estudos sem, no entanto, impô-lo*”, onde é “*exigida a responsabilidade, pontualidade, respeito aos mais antigo*” são consequência da “*confiança estabelecida no método de ensino*” e por “*professores excelentes que souberam transmitir de forma objetiva os conteúdos propostos pelo colégio*”, além disso, entendem que “*a prática esportiva é incentivada*” e que esta contribuiu em suas formações.

Outras observações atentam para os relacionamentos interpessoais, pelo “*bom relacionamento com meus colegas e professores*”, por solucionarem as suas “*dúvidas e*

questões sem nenhuma discriminação”, por se sentir “*muito feliz aqui*”, apesar de exporem ser “*um pouco incômodo seguir tantas regras, estar sempre com o uniforme no padrão*”.

As respostas reforçam a heterogeneidade na formação intelectual e as dificuldades de convivência com um sistema que utiliza as normas militares. Esses achados contribuem para uma articulação intrínseca entre Gênero e Educação ao enfatizarem que educar engloba um complexo de forças e de processos “no interior dos quais os indivíduos são transformados em – e aprendem a se reconhecer como – homens e mulheres, no âmbito das sociedades e grupos a que pertencem” sendo construídos através das mais diversas instituições e práticas sociais, num “processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo” (MEYER, 2003, p.16-17).

Os Méritos e as Frustrações Escolares

A maioria das alunas considera um mérito estudar no CMRJ em função basicamente de três aspectos fundamentais.

O primeiro diz respeito a ser uma instituição de “*tradição*”, com “*renome*”, que é “*rigorosa*” e possui “*qualidade de ensino*”. Implica em ser representada pela “*sociedade*” como algo a que “*se deva respeitar*”, que “*quando inscrita no currículo, abre diversas oportunidades no mercado de trabalho*”, uma escola que proporciona aos alunos “*disciplina*”, que “*forma e prepara para outras instituições*” e que afetivamente proporciona um “*título a ser carregado com orgulho e saudade para toda a vida*”, influenciando “*a consolidação do caráter*” e a aquisição de “*valores*”.

O segundo aspecto ocorre pela percepção da dificuldade em entrar no Sistema Colégios Militares (SCM), a terem passado por um “*concurso de admissão*”, “*uma seleção rigorosa*”, “*um grande esforço para entrar no colégio*”, ou seja, entendem que muitos “*gostariam de estar no seu lugar*”.

O terceiro expõe a conquista feminina naquele espaço, “*através de outras pessoas (mulheres)*” propiciarem a que atualmente as entrevistadas possam estudar “*num colégio tão bom*” que “*incentiva a carreira militar*”.

Quanto às frustrações as respostas das alunas são similares, 80% não se frustraram com o convívio escolar em uma instituição militar. Atualmente as dificuldades direcionam-se para aspectos do relacionamento estabelecido com a parte administrativa da escola e não na convivência entre alunos/as e corpo docente. Isso se evidencia nas representações delas com

relação aos “*oficiais e monitores*”, que dificultam o “*avanço*” e “*as melhorias*”. Explicam que quando da constatação de alguma indisciplina por parte delas, verificam muita dificuldade de serem ouvidas, considerando que “*não há réplica imediata*” com o comando, informam também sobre a falta de “*interesse*” deles com suas “*necessidades básicas*”.

CONCLUSÕES

Entre a disciplina e a ordem na construção identitária de meninas da 2ª série do ensino médio do Colégio Militar do Rio de Janeiro proporcionou a constatação da adoção de atitude inicial tímida em consequência das alunas encontrarem-se num ambiente novo e rigoroso. A adaptação delas com a escola e o impacto causado com o acesso a um ambiente militar representou uma justificativa para tal atitude. Outros fatores apontam para a dificuldade com o ensino de alta qualidade, para a necessidade de adaptação as normas (horário, adoção do uniforme) e pelo espaço do colégio intimidar.

Consideramos que os motivos que conduziram as alunas a ingressarem no Colégio são vinculados a tradição de qualidade do ensino e pela influência familiar. Entretanto a maior parte das alunas não alçou esforço intelectual para ingressar na escola embora depois tivessem que demonstrar competência para ali permanecer.

Quanto ao tratamento dispensado às alunas observamos que com a administração escolar foi entendido como cuidadoso, protetor e receoso, o recebido dos professores, como paternalista e atencioso, confirmando as constatações encontradas nos estudos sobre mulheres no Militarismo. Já o tratamento por parte dos alunos foi relatado como sem discriminação por serem mulheres, com companheirismo e amizade. Estes divergem dos sentimentos constatados na inserção delas, que eram de invasão ao reduto masculino. Os resultados demonstraram a percepção de aceitação e integração delas no ambiente escolar.

As alunas possuem a intenção de destacarem-se na parte intelectual e também nos treinamentos de equipes e competições esportivas. Outra expectativa refere-se a adquirirem disciplina, entendendo que o perfil da escola possa propiciar esse tipo de incorporação e se internalizadas, torná-las mais responsáveis.

Concluimos com a verificação de alguns aspectos contraditórios, elas convivem de um lado com conquistas de um espaço de tradição masculina, corroborado pelas conquistas feministas na década de 1980, mas, reforçam as qualidades tradicionais de ensino da instituição, buscam o adestramento e a disciplina orientada no processo escolar. Elas ainda

sentem-se protegidas e cuidadas, mas a tradição e a disciplina tornaram-se valores a serem conquistados e utilizados na ascensão profissional futura. Consideramos que está implícita uma divisão binária de gênero e ao mesmo tempo, um modelo masculino militar aplicado para o feminino na escola.

Assim, confirmamos nossa hipótese inicial, de que as marcas mais permanentes atribuídas pela convivência das alunas com o militarismo conceberam-se nas experiências adquiridas no CMRJ e que estas contribuíram para a construção identitária delas nas suas posturas e escolhas de vida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARRA, Patrícia R. Augusto. *O casarão da várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)*. 2008. Dissertação (Mestrado) - PUC, Porto Alegre, 2008.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto Carra. *O Casarão da várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)*. Porto Alegre: PUC, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2008-03-28T081248Z-1106/Publico/399732.pdf>. Acesso em: 22 out. 2012.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. *Meninas no Colégio Militar de Porto Alegre*. Porto Alegre: PUC, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Historia_da_Educacao/Trabalho/03_34_12_3127-6427-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 out. 2012.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

D' ARAÚJO, Maria Celina. *Pós-modernidade, sexo e gênero nas Forças Armadas*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2003. Disponível em: <<http://www.ndu.edu/chds/journal/PDF/2003/dAraujo-essay.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2010.

D' ARAÚJO, Maria Celina. *Mulheres, homossexuais e Forças Armadas no Brasil*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2004. Disponível em: <<http://www.resdal.org/lasa-04-daraujo.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2012.

D' ARAÚJO, Maria Celina. *Mulheres e questões de gênero nas Forças Armadas brasileiras*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2006. Disponível em: <<http://www.resdal.org/producciones-miembros/redes-03-daraujo.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.

GIDDENS, Antony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LOHMANN, Liliana. VOTRE, Sebastião. *Gênero e Educação: o discurso da elite masculina sobre a entrada da primeira turma feminina no colégio militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UGF, 2004. Disponível em: <<http://citrus.uspnet.usp.br/lapse/wp-content/uploads/anais/mulhereesporte.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2012.

LOHMANN, Liliana Adiers. *A Inserção Acadêmica e Esportiva da 1ª turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

LOHMANN, Liliana. *A inserção esportiva da primeira turma feminina no Colégio militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UGF, 2005. Disponível em: <<http://boletimef.org/biblioteca/1197/XIV-Congresso-Brasileiro-de-Ciencias-do-Esporte-2005>>. Acesso em: 03 nov. 2012.

LOHMANN, Liliana Adiers. VOTRE, Sebastião Josué. *A Inserção acadêmica e esportiva da primeira turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UGF, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a05v14n3.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.101-132, jul/dez, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOURO, Guacira; MEYER, Dagmar. E. Gênero, sexualidade e educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n.46, p.187-189. dez. 2007.

MEYER, Dagmar E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAIS, Ronaldo Queiroz de. *Do exército moderno à república militar: caserna, política e tensão (1913-1977)*. 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30112009-123226/pt-br.php>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

REZENDE, T. A. *Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília: 1989 – 1995*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

REZENDE, Thelmy Arruda de. *Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília*. Brasília: UnB, 2009. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/33/TDE20091005T173524Z4425/Publico/2009_ThelmyArrudadeRezende.pdf> . Acesso em: 15 set. 2011.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n.1, p.11-30, jan/abr, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

3 ESTUDO 3 – A INTERAÇÃO DE ALUNAS DO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO EM PRÁTICAS FÍSICO-DESPORTIVAS: A TRADIÇÃO REINVENTADA (ARTIGO CIENTÍFICO)

RESUMO

Em 1989 foi realizado concurso de admissão de alunas no Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ). Além das atividades realizadas em sala de aula foram incluídas em suas rotinas as aulas de Educação Física, os treinamentos para a ordem unida a ser executado em solenidades cívico-militares e os treinamentos de modalidades esportivas representativas do colégio em competições. Após 26 anos de suas inserções possuímos o objetivo de investigar e analisar a interação delas nestas práticas físico-desportivas. A metodologia é qualitativa e orientada por Moscovici (1978, 2003) e a análise por Coulon (1995). Participaram da investigação vinte alunas do 2º ano do ensino médio do CMRJ que responderam a um roteiro semiestruturado, no espaço da escola, de forma voluntária e autorizada antecipadamente pelos responsáveis. Concluímos que o sistema utilizado até então nas aulas de Educação Física se desestruturou, ocorreu o empobrecimento das condições proporcionadas pela parte administrativa da escola na atualidade. Para as alunas as aulas são consideradas positivas e possuidoras de características diferenciadas do contexto geral do colégio, desenvolvidas de forma elitizada, contribuem para aquisição de habilidades. São representadas como prazerosas e promotoras da saúde, um dos poucos momentos onde elas conseguem realizar atividades físicas. Para as alunas ocorrem frustrações, não com as aulas de Educação Física em si, mas pela retirada excessiva de aulas, pela demora em iniciá-las, ou em função das formaturas iniciais. O treinamento e execução da ordem unida perdeu o sentido para as alunas pioneiras, porém de forma divergente, hoje elas gostam de se submeter à disciplina, às regras e as formaturas realizadas no Colégio. Apesar de serem atividades obrigatórias, de tradição, elas consideram ser uma escolha pessoal estudar na escola e por isso devem se submeter e praticá-las. Os treinamentos de equipe e representações do colégio em competições são consideradas como um mérito. A vivência competitiva começa na Olimpíada das Armas que são um incentivo para treinar e representar o estabelecimento de ensino. Consideramos que a escola se adaptou as mudanças estruturais da sociedade provocando adaptações verificáveis na Educação Física. As alunas reforçam suas permanências no CMRJ através dos valores antigos constatados na inserção das alunas e que permaneceram nas representações delas sobre suas interações em práticas físico-desportivas. Reinventando a tradição através das atividades físico-desportivas elas fortalecem o sentimento de disciplina e a hierarquia, pilares estruturais do militarismo.

Palavras-chave: Representação social, Discurso, Educação Física, Colégio Militar.

ABSTRACT

In 1989 it was held a competition for admission of female students at the Military College of Rio de Janeiro (CMRJ). Besides classroom activities they have included in their routines, physical education classes, training for the united order to run in civil-military ceremonies and the training of sports, representing school in competitions. After 26 years of their introduction, it is aimed to investigate and analyze their interaction with these physical and sports activities. The methodology is qualitative and it is guided by Moscovici (1978, 2003) and it is analyzed by Coulon (1995). Twenty students participated in the investigation at CMRJ 2nd grade high school, who voluntarily answered a semi-structured guide at school space, previously authorized by their responsible. We conclude that the system used in physical education classes fell apart, there was the impoverishment of the conditions provided by the school administrative part nowadays. For the students, the classes are considered positive and they have got different characteristics from the general context of the school that is developed in an elitist way, contributing to the acquisition of skills. They are represented as delightful and health promoters and it is one of the few moments the students can engage in physical activities. For the students, frustrations may occur, not because the physical education classes itself, but because of excessive cancellation of classes, delay in initiating them or because of the initial form up. Training and implementing the united order lost its meaning for the pioneering students, although in different ways, nowadays, they like to submit to the discipline, rules and form up held at the College. Despite being mandatory, traditional activities, they consider being a personal choice to study at that school and therefore they must undergo and practice them. Team training and the college representatives in competitions are considered a merit. The competitive experience begins at the Olympics Weapons that is a stimulus to train and represent the school. We believe that the school has adapted to the structural changes in society causing verifiable adaptations in Physical Education. The students strengthen their stays in CMRJ through the old values found in the integration of students and which remained in their representations over their interactions with physical sports. Reinventing the tradition through physical and sports activities they strengthen the sense of discipline and hierarchy, structural pillars of militarism.

Keywords: Social representation, Speech, Physical Education, Military College.

INTRODUÇÃO

No final da década de oitenta uma nova fase é inaugurada na relação da sociedade civil com o Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), foi realizado um concurso de admissão para o acesso das primeiras alunas. Nesse período, o Ministro do Exército General Leônidas Pires Gonçalves desativou alguns Colégios Militares (CMs) e valorizou o ensino de outros, os considerados de maior necessidade, através de uma destinação preparatória para o ingresso na

Academia Militar das Agulhas Negras. Assim, permaneceram os CMs de Manaus, Fortaleza, Brasília, Porto Alegre e Rio de Janeiro¹⁶.

A matéria intitulada: "Da escola para órfãos ao ensino qualificado" (ANEXO B), informou que em 1989, com o centenário do Colégio Militar, quebrava-se um "novo tabu", o ensino que era administrado apenas para o sexo masculino, passaria a admitir o feminino em seus quadros. As provas ocorreram em 1988 com 7099 inscritos selecionando 120 finalistas dos quais 90 vagas foram destinadas para alunos e 30 vagas para alunas. O objetivo era a admissão a partir do 6º ano do ensino fundamental seguido pelas séries subsequentes. A intenção era o ingresso delas no Exército como já ocorria na Marinha e na Aeronáutica (LOHMANN, 2005).

As práticas corporais oportunizadas nos CMs neste período eram incentivadas pelos comandantes¹⁷ de acordo com as vivenciadas em suas formações militares. Assim, até ocorrer a inserção feminina destacavam-se atividades que desenvolvessem uma boa capacidade física (resistência) visando alcançar o máximo da eficiência orgânica. Praticavam-se exercícios individuais, coletivos e competições esportivas que propiciassem a aquisição de habilidades técnicas, a aquisição de valores militares tais como o respeito às normas de competição, a aquisição do senso de ordem e disciplina, a aquisição de hábitos de higiene, de cooperação, a correção de atitudes, a valorização do sentimento de responsabilidade, de liderança, do trabalho em equipe e o equilíbrio emocional (REZENDE, 2009, p. 63).

A partir de 1985, a nível nacional, ocorreu um movimento de "democratização do esporte" que pôs em evidência o afastamento do poder estatal no controle exercido sobre o desporto nacional e desta forma passou-se a delegar maior autonomia na gestão das atividades de entidades esportivas (TUBINO, 2002, p.277). A Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998 complementa essas informações com o estabelecimento dos princípios básicos do desporto escolar, o que segundo Mourão (2003) a Educação Física deveria ser orientada de forma assistemática, devendo-se evitar a seletividade e a hipercompetitividade, com a finalidade de garantir o desenvolvimento integral do indivíduo e sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer.

Em grande parte essas diretrizes não eram praticadas nos CMs e com a inserção

¹⁶Hoje o CMRJ vincula-se ao Sistema Colégio Militar do Exército, composto por 13 escolas de ensino fundamental e médio com 14000 alunos/as distribuídos pelo país.

¹⁷Militar designado para ser o diretor da escola.

feminina verificou-se a confirmação desses fatos, através da “política de incentivo à educação física, às escolinhas e aos treinamentos de equipe” ocorridos no CMRJ nesse período. A escola possuía a “tradição esportiva” e a inserção de alunas proporcionou significativo apoio as conquistas de resultados expressivos em competições municipais e estaduais¹⁸. Isso em parte, devido “as amplas oportunidades oferecidas ao desempenho esportivo na escola proporcionados pelo comando do colégio naquele momento” (LOHMANN, 2005, p.84).

Assim, “A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em práticas físico-esportivas: a tradição reinventada” pretende investigar e analisar as representações das alunas sobre suas interações em práticas físico-desportivas realizadas no CMRJ da atualidade. Desejamos responder a seguinte questão, como se representam as alunas do CMRJ nas praticas físico-esportivas realizadas no colégio hoje? Possuímos a hipótese que correu uma adaptação das práticas às necessidades das alunas que limitam os valores institucionais que se ancoravam nos ideais de masculinidade da centenária escola.

MÉTODOS

O estudo é qualitativo e orientado por Moscovici (1978, 2003) e a teoria das Representações Sociais no sentido de elucidar o processo através do qual as representações são elaboradas e como as estruturas do conhecimento são estabelecidas. O autor expõe que todas as “interações humanas, surjam entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações” e quando nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes e “são o produto de nossas ações e comunicações” (Moscovici, 2003, p.40).

Moscovici (1978) explicita que as experiências comuns são o “*locus*” de onde nós extraímos as imagens, linguagens e gestos necessários para superar o não-familiar, ancorando e objetivando conduzimos a percepção “para dentro, classificando de acordo com um tipo e os rotulando com um nome” e “para fora (para outros)” retirando os “conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior”, ou seja, tornando o que é desconhecido a partir do que já é conhecido.

O autor afirma que as Representações Sociais são um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas a partir das quais os homens tornam inteligível

¹⁸ Em 1994 o Colégio Militar do Rio de Janeiro conquistou o seu primeiro título estadual geral, no XII – Intercolegial e a 1ª Copa Fanta; em 1995 o Bi-campeonato geral do Intercolegial e o campeonato geral dos Jogos das Escolas Públicas Federais (LOHMANN, 2005, p.82-83).

a realidade física e social e inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas. Elabora-se “um processo de construção da percepção que leva a algum evento correspondente à tomada de consciência do objeto, da realidade enquanto percebida”. Para o autor representar alguma coisa, um estado, não consiste simplesmente em desdobrá-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, é reconstituí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre conceito e percepção cria a impressão de “realismo”, de materialidade das abstrações, visto que podemos agir com elas, e de “abstração das materialidades, porquanto exprimem uma ordem precisa” (MOSCOVICI, 1978, p. 57).

A pesquisa foi realizada através da consulta ao projeto pedagógico da Educação Física a partir de 1989 e por entrevistas de 20 alunas da 2ª série do ensino médio do colégio, através de roteiro semi-estruturado sobre suas interações em práticas físico-desportivas (APÊNDICE E) no espaço da escola, de forma voluntária, em horário preestabelecido e autorizado antecipadamente pelos responsáveis. Foi determinado que as alunas entregassem o termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE C) no prazo máximo de sete dias, o que foi cumprido, não acarretando nenhuma exclusão das participantes.

Para a análise das entrevistas contamos com Coulon (1995) e a etnometodologia, porque ele analisa o aqui-e-agora das interações, apropriando-se de sua ótica e representação, numa abordagem qualitativa do social. O autor considera que a relação entre “ator” e “situação” será produzida por “processos de interpretação”. Esclarece que se deve levar em consideração o “ponto de vista dos autores, seja qual for o objeto de estudo, pois é através do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, que... constroem seu mundo social” (Coulon, 1995, p.10).

O autor pontua sobre a importância de se observar como os atores do senso comum produzem e tratam as informações, utilizando a linguagem como recurso. Revela que o sentido da interpretação onde uma palavra “por suas condições de enunciação, uma instituição, por suas condições de existência, só podem ser analisadas tomando em conta as suas situações locais” (Coulon, 1995, p.32).

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O Colégio Militar do Rio de Janeiro, por sua tradição e antiguidade, tornou-se referência na estruturação e composição dos currículos ministrados nos CMs. Pretendemos dar a visibilidade ao processo de interação de alunas em práticas físico-desportivas

descrevendo as práticas realizadas na Educação Física, na ordem unida e no desporto competitivo a partir da inserção feminina dos CMs e, em seguida, a análise de suas interações no CMRJ da atualidade.

A inserção de alunas nas práticas físico-desportivas no CMRJ

Em 1989 as alunas começaram a cursar a escola e neste período as práticas físicas realizadas no colégio eram compostas por atividades curriculares da Educação Física, pela Ordem Unida¹⁹ e pelos treinamentos de equipes competitivas masculinas (depois também femininas).

O currículo de Educação Física do CMRJ era “composto de acordo com as diretrizes estabelecidas pela Divisão de Ensino e Pesquisa e foram adaptadas para a participação das alunas com cerca de 10 e 12 anos de idade, matriculadas na quinta série do 1º grau”, atual 6º ano do ensino fundamental (ASPIRAÇÃO, 1988, p.67).

As aulas de Educação Física realizadas no CMRJ envolviam práticas das seguintes modalidades esportivas: atletismo, natação, basquetebol, voleibol, esgrima, judô, ginástica olímpica e, posteriormente, foram agregados o Handebol e tênis de mesa. As práticas eram realizadas de forma mista e ocorriam duas vezes por semana em dois tempos consecutivos de 50 minutos cada. As aulas de dança e ginástica rítmica desportiva (GRD) eram privativas das alunas e o Futebol era apenas para os rapazes. No 6ª ano e do 7º ano (atual) elas cumpriam cerca de oito aulas sequenciais de cada modalidade realizando um rodízio de conhecimentos esportivos. A partir do 8ª ano poderiam escolher e praticar o esporte com o qual mais se identificasse, a exceção do futebol que permanecia apenas para os alunos e a aulas de GRD e/ou dança para as alunas (LOHMANN, 2005).

Ocorriam nesse período dois testes físicos de Educação Física (TEF) por ano, para os quais elas deveriam preparar-se. A avaliação era composta pela nota obtida no TEF e pela frequência as aulas. O TEF consistia em testes de 100m rasos (masculino) e 50m rasos (feminino), salto em distância, salto em altura, teste de corrida em 12 minutos, abdominais em um minuto (número máximo de repetições), flexões de braço (para as alunas) e barras (para alunos), além da prova de 50 metros de nado crawl na piscina. As alunas deveriam conquistar o melhor resultado possível em cada prova e estes eram direcionados para uma tabela de

¹⁹ Atividade de treinamento para os desfiles cívicos realizados nas Instituições Militares.

pontos separada em masculina e feminina, com a qual se confeccionava uma média. A nota obtida influenciava o sistema de nivelamento de divisas (graduação) utilizado pelo Exército e pelo Colégio Militar, além de ser fator de exclusão, pois era utilizado na composição da nota de comportamento das/os alunas/os, a partir da qual, caso o aluno/a atingisse o limite máximo de pontos perdidos, seria justificativa de desligamento do colégio (LOHMANN, 2005; CARRA, 2008).

O Colégio contava também com escolinhas desportiva, de todas as modalidades praticadas nas aulas e treinamentos de equipes fora do horário convencional. Estas contavam com uma parcela significativa de alunos/as do colégio e também com o acesso de pessoas da comunidade. Os trabalhos extras a que se submetiam contribuíam significativamente para a participação masculina em competições com outras escolas militares e competições escolares estaduais e municipais. Com a inserção feminina, os treinamentos também foram proporcionados a elas, inicialmente pelas equipes de Voleibol e Atletismo e depois, com todas as modalidades em que o colégio precisasse de representação (LOHMANN, 2005^a).

A ordem unida ou instrução Militar tinha a finalidade de habilitar o aluno à “compreensão da vida militar, as leis, os regulamentos, os costumes e tradições em que se apoia e formam o ambiente” no qual iriam passar a sua vida escolar. Nesta prática adquiriam-se “conhecimentos relacionados à disciplina, justiça e sinais de respeito, uso correto de uniformes e equipamentos escolares”. Buscava-se a aquisição de habilidades no que se refere à destreza na realização da continência e dos atos de respeito militar além de hábitos de compostura militar e correção de atitudes, no Colégio ou em público, além de pontualidade e assiduidade (REZENDE, 2009, p.64). No colégio do Rio de Janeiro ocorriam todas as semanas em horários preestabelecidos para a formatura geral, ou ainda em diversos horários, de acordo com a necessidade do estabelecimento em apresentar-se numa solenidade oficial.

Representações das pioneiras sobre as práticas físico-desportivas no CMRJ

No CMRJ as aulas de Educação Física ocorriam de maneira “*diferenciada*”, permitindo uma participação extra das alunas. Para as alunas ela era “boa”, porque permitia conhecer as diversas modalidades esportivas oferecidas e também se especializar em alguma(s). Possibilitava uma “variedade de oportunidades” em função da infraestrutura excelente do

colégio, proporcionava estruturação emocional, a aquisição de “*autoestima*”, permitia a “*ascensão*” e obtenção de graduações. As alunas utilizavam as aulas e testes para ascender no Colégio, porque sabiam que quem se destacasse seria valorizado, pertenceria a elite, se graduaria e seria respeitado (LOHMANN, 2005, p.72).

Mourão (2003) nos alerta sobre a realidade brasileira e os estudos sobre a inserção esportiva da mulher esbarram na dificuldade de avanço teórico e na ineficiência de se fazer valer os compromissos políticos de inserção de meninas e das mulheres na prática das atividades físicas e esportivas o que, de forma diferenciada, não ocorreu no CMRJ, pois a diversidade de oportunidades de práticas esportivas nos anos iniciais proporcionou uma vivência única se comparada a realidade do nosso país.

Com a convivência esportiva elas passaram a participar de competições e a fazerem parte dos treinamentos de equipes proporcionados pelo colégio naquele período. A experiência iniciou-se através das disputas das olimpíadas internas e ocorriam entre as turmas do 6º ano, entre as de 7º ano e entre as de 8º ano do ensino fundamental. No 9º ano e ensino médio eram distribuídos pelas equipes da 4ª Companhia (9º ano), Cavalaria, Infantaria, Artilharia, Comunicações, passando a ser designadas como Olimpíada das Armas.

Rezende (2009) explica que nos Colégios Militares sempre ocorreram eventos competitivos e atividades esportivas em seu cotidiano. As atividades foram consideradas de conagração entre alunos/as do colégio e cumpriam as funções de valorização da atividade física e do esporte. Sobre o acesso, a autora informa que no Colégio Militar de Brasília as Olimpíadas internas permitiam a participação delas como atletas em equipes femininas nas diferentes modalidades além de integrarem equipes de torcida organizada em cada série escolar, conforme o ocorrido no Rio de Janeiro.

Sobre as competições vivenciadas pelas alunas no CMRJ identificamos as seguintes representações: as Olimpíadas das Armas tinham “*uma dimensão imensa*”, eram “*as Olimpíadas*”, permitiam certo “*grau de rivalidade*” e até a evidência de “*preconceito*” entre os atletas das armas, mas também proporcionavam “*integração*”, quando o assunto era a “*defesa do colégio*”. Elas começaram “*a ganhar medalhas pra somar resultados no colégio no Intercolegial*”, fizeram “*parte disso*” (LOHMANN, 2005a).

A ordem unida ou instrução cívico-militar para as alunas era uma “*atividade totalmente estranha e fugia ao padrão de feminilidade cultuado na época, seja pela comunidade escolar, seja pela sociedade, de um modo geral*”. A presença de mulheres nas Forças Armadas, até

então, não permitia imaginar meninas fazendo “*Ordem Unida*” era algo totalmente inédito, fato que levantava suspeita sobre a capacidade das meninas em realizá-la (REZENDE, 2009, p.106). No Colégio do Rio de Janeiro elas relataram que no início tudo era uma novidade, mas com o passar dos anos, o treinamento e a execução da ordem unida para as formaturas gerais “*pesou*”. Elas referiam-se a executar a repetição dos mesmos ritos todos os dias, “você começa a não ver mais sentido, perde o significado, então você começa a questionar”, relataram que até procurarem formas para “matar a formatura” em função disto (LOHMANN, 2005).

As práticas físico-desportivas proporcionadas pelos CMRJ atual

O modelo de currículo de Educação Física do CMRJ atual é igual ao utilizado em todos outros colégios componentes do sistema Colégio Militar brasileiro, mantendo a organização e o projeto pedagógico estipulado na inserção das alunas em 1989 em grande parte.

A autora deste trabalho verificou que atualmente no Rio de Janeiro ocorreu a diminuição das modalidades esportivas ofertadas e foram retiradas as aulas de GRD, dança judô, esgrima, condicionamento físico, ginástica de trampolim, tênis de mesa. Hoje as modalidades ofertadas nas aulas são a Natação, Atletismo, Basquetebol, Voleibol, Futebol e Handebol. As aulas são mistas e de acordo com o número de alunos que optarem por cada uma das modalidades podendo ser separadas por sexo. A retirada de determinados esportes ocorreu pela perda dos professores especialistas que se aposentaram e que não foram repostos por concurso público.

De forma semelhante, o número de aulas curriculares diminuiu para o ensino médio, de duas vezes semanais passaram a apenas uma vez por semana, com dois tempos de 45 minutos cada. Não ocorrem mais os Testes de Educação Física (TEF) para a composição das notas, elas são computadas de acordo com as frequências as aulas e transformadas para conceito (excelente, muito bom, bom, regular e insuficiente) não reprovando as/os alunas/os na disciplina de Educação Física.

As escolinhas esportivas foram fechadas e não atendem mais ao público externo nem ao treinamento das equipes. Os treinamentos proporcionados aos alunos também sofreram substancial perda de modalidades e ocorrem de acordo com as necessidades de representação

e/ou participação em competições escolares. Somente algumas equipes permaneceram e seguem os trabalhos de forma desregradas e eventual.

A ordem unida e os treinamentos cívico-militares permanecem inalterados seguindo a execução da forma tradicional conforme os utilizados na inserção.

Representações das alunas sobre as práticas físico-esportivas realizadas no CMRJ atual

Apesar das mudanças estruturais administradas pelo colégio nas práticas físico-desportivas de suas alunas na atualidade, a maioria das entrevistadas consideram as aulas boas, pois ainda permitem conhecer várias modalidades esportivas e se especializar em alguma. Elas informam que a Educação Física, conforme o verificado na inserção feminina “*possui características diferenciadas com relação ao contexto geral do Colégio permitindo a participação extra*”. Informam que o trabalho é realizado de forma a promover a saúde, de forma prazerosa, ou que as aulas funcionam de “*forma elitizada, como clube*”, contribuindo na aquisição de habilidades.

Verificamos também que as entrevistadas tem na execução destas atividades “*o único local onde fazem atividade física*”. Segundo Mourão (2003, p. 139) apenas uma minoria das mulheres brasileiras participa de atividades esportivas é “para a maioria delas, a escola é o lugar apropriado, normalmente o único de que dispõe para a prática das atividades físicas e esportivas”. Em pesquisa sobre o cotidiano da Educação Física escolar demonstram que a maioria delas “depende mais da escola para praticar atividades físicas do que os meninos” (MOURÃO; PEREIRA, 1995, p.144), expondo uma limitação nas opções de prática para as meninas e alertando-nos para a importância de manter-se esse espaço na escola.

As aulas geram expectativas de “*destacar-se na parte física*” e com isso poder fazer parte dos “*treinamentos de equipes e/ou competições*”, conforme as representações das alunas na inserção. Outras alunas conduzem suas expectativas em obterem através das aulas principalmente a manutenção ou melhoria “*da saúde*” ou ainda um “*momento de relaxamento*”, de “*confraternizando com os amigos*”, de não ser “*tão sedentária*” e, aqui, diferentemente dos achados anteriores sobre a inserção das alunas nos CMs, uma mudança de comportamento, talvez porque não existem mais a cobrança por nota, nem os testes físicos, nem o favorecimento na obtenção notas e graduações como no acesso, portanto, assim, outras possibilidades passam a ser detectadas e consideradas pelas alunas.

A Educação Física não gera frustração, os aspectos negativos detectados dizem respeito a fatores administrativos, tais como, em *“demorar pra começar”* em função da formatura inicial (apresentação dos alunos para o coordenador de série da escola) e *“organização dos alunos, que são deixados esperando por mera formalidade”*, pelo *“atraso e encurtamento da aula”* e com isso, não promoverem uma *“melhora real”*. Outros fatores levantados dizem respeito a *“superlotação”* de algumas iniciações desportivas e ao *“uniforme” ser “desconfortável”* para a prática.

Elas entendem que as aulas são *“positivas para a sua formação”*, pois *“muito mais do que uma disciplina acadêmica a prática da atividade física e prática esportiva são necessidades vitais”*, elas tem por finalidade *“manter ou melhorar a saúde de alguns alunos que tornam-se sedentários por causa do ritmo intenso de estudos”*, e com isso, *“melhora meu rendimento escolar”*. Expõem que além de melhorar a *“saúde, faz com que eu conheça mais meu corpo e saber quais são meus limites”*; que *“o incentivo ao esporte é importante na vida de qualquer jovem, principalmente hoje em dia, que muitos passam os dias sentados em frente ao computador”* e que precisam das aulas *“para entrar em uma instituição militar como IME ou ITA”* onde *“a parte física é algo que conta muito”*, e ainda *“porque algumas faculdades exigem certa habilidade física.”*

Quanto as suas experiências com as aulas, informam que *“os professores são especializados, atenciosos e respeitadores, adoro os professores”*, até a *“7ª série havia uma rotatividade das atividades físicas, o que é bom para conhecer todos os esportes e a partir da 8ª série, você se aprofunda no que você realmente gosta/prefere”*, ocorre *“diversas opções de esportes e não só o futebol, assim cada um pode optar pelo que gostar mais”*, *“proporciona a oportunidade de trocar ou não a sua modalidade”*, *“pude aprender ainda mais o que já sabia, pude praticar mais vezes e com maior frequência meu tipo de esporte”*, *“como atleta, melhorou meu desempenho e posso conhecer outras modalidades que eu nunca pensei em fazer”*. Expuseram que a *“Educação Física para muitos é um espaço reservado para distração, porém é lá que você aprender a ter disciplina, aprender a trabalhar em equipe e criar controle do corpo e da mente”*.

Sobre os treinamentos de equipe e competições as alunas consideram um *“mérito representar o colégio”* e pontuam que iniciaram através da participação na Olimpíada das Armas. Elas gostam de competir e que isto é um incentivo para treinar, porém quando o assunto é representar o colégio em competições e treinar nas equipes do colégio, ocorre um equilíbrio, as que gostam de competir e de representar o colégio e as outras, as que não se interessam em fazê-lo ou apenas o fazem quando o assunto é a olimpíada da escola.

Sobre as formaturas e treinamentos de ordem unida, os resultados obtidos são equilibrados em dois grupos. O maior grupo, as que gostam de se “*submeter à disciplina, às regras e aos treinamentos militares*” esclarecem que, desde que os mesmos tenham “*um sentido real*”, os realizariam sem problemas, justificando que a prática do treinamento é “*norma do colégio*”, portanto deva-se “*obedecer às regras*”, ou que, “*é cansativo, mas não quer dizer que não apoio... aceito e participo de todos sem reclamar*”, mas que acham desnecessário, “*uma vez que temos formatura geral toda semana*”. O menor grupo, as que não gostam de submeter as formaturas, entendem que os “*treinamentos militares perdem o significado com o avanço dos anos*”.

CONCLUSÕES

Com relação as práticas físico-desportivas realizadas no CMRJ da atualidade constatamos que ocorreu a desestruturação do sistema, o empobrecimento das condições administrativas e de material, se comparadas às vivenciadas na inserção das alunas. Verificamos a perda de profissionais de Educação Física para a aposentadoria sem reposição por concurso público, a perda de modalidades esportivas ofertadas nas aulas, a diminuição do tempo e dos dias das aulas para o ensino médio, a retirada dos testes de Educação Física para a obtenção de notas, o fechamento das escolinhas esportivas para os alunos e para a comunidade e que os treinamentos de equipes representativas do colégio já não ocorreram com a mesma regularidade. Apenas a ordem unida voltada pra a instrução cívico-militar, não se alterou significativamente nestes 26 anos de interação de alunas no CMRJ.

Apesar do informado acima, as alunas representaram as aulas de Educação Física do colégio positivamente, como possuidora de características diferenciadas do contexto geral do Colégio e das demais escolas da atualidade. Para elas as atividades são desenvolvidas de forma de forma elitizada, contribuindo na aquisição de habilidades e hoje, são entendidas como promotoras da saúde e realizadas de forma prazerosa.

As alunas aprenderam com nas aulas de Educação Física a obter disciplina, a trabalhar em equipe, a ter um momento de relaxamento e confraternização num local que suaviza o stress e as cobranças da escola. Elas querem se destacar através das aulas, corroborando as representações verificadas na inserção feminina na escola, e com isso, fazer parte dos treinamentos de equipes e/ou competições. Elas gostam de competir o que as incentiva a treinar e representar o colégio em competições. Consideram um mérito representar o CMRJ e

que isso começa com a suas participações na Olimpíada das Armas. Constatamos também que para grande parte das entrevistadas as aulas são o único local onde realizam atividade física, um fator que se afasta dos estudos iniciais sobre a inserção de alunas no CMRJ.

As frustrações com a Educação Física não ocorrem com a sua prática em si, mas pelos fatores administrativos, tais como, o demorar a começar, o atraso proporcionado pela formatura e organização inicial das aulas, o encurtamento da aula, a superlotação de algumas iniciações desportivas, causada pelo número pequeno de professores atuando, ou ainda, pelo uniforme das alunas serem desconfortáveis para a prática. São situações desgastantes para elas, mas que destacam a importância que as mesmas dão as aulas.

Quanto aos treinamentos da ordem unida, de forma divergente dos achados nos estudos sobre a inserção de alunas nos Colégios Militares, ou seja, da perda do sentido abordado pelas pioneiras, na atualidade elas gostam de submeter à disciplina, às regras e as formaturas realizadas no Colégio. Entendem que esta é obrigatória, tradicional e por ser uma escolha pessoal estudar no CMRJ, devem se submeter.

Neste sentido, a escola se adaptou as mudanças estruturais da sociedade provocando adaptações verificáveis na Educação Física. As alunas reforçam suas permanências no CMRJ através dos valores antigos constatados em suas inserções e que permaneceram nas representações delas sobre suas interações, porém, apesar da desestruturação ocorrida nas aulas de Educação Física, das modificações percebidas em suas posturas com a prática da ordem unida e do posicionamento adotado pela escola com relação as representações em competições, elas se reinventaram e perpetuaram os valores militares em seu cotidiano, a tradição foi reinventada e se perpetua no CMRJ através de suas práticas físico-desportivas.

REFERÊNCIAS

A ASPIRAÇÃO/COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. *Revista do Colégio Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Produções gráficas e publicidade Ltda, ano XCVI,1988.

CARRA, Patrícia R. Augusto. *O casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1201>. Acesso em: 14 dez. 2013.

CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. *Meninas no Colégio Militar de Porto Alegre*. In: ANPED Sul. 9. Porto Alegre: PUC, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3127/55>>. Acesso em: 10 out. 2012.

CMRJ. *A aula de Educação Física*. Disponível em: <<http://www.cmrj.ensino.eb.br/index.php/perfil-sef/aulas>>. Acesso em: 10 out. 2012.

CMRJ. *Histórico - SEF*. Disponível em: <<http://www.cmrj.ensino.eb.br/index.php/perfil-sef/historico>>. Acesso em: 10 out. 2012.

CMRJ. *Legislação - CMRJ*. Disponível em: <<http://www.cmrj.ensino.eb.br/index.php/legislacao>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

CMRJ. *Manual do aluno*. Disponível em: <http://www.cmrj.ensino.eb.br/cmrj/corpo_alunos/documentos/Manual_aluno_2012.pdf>. Acesso em: 15 out. 2012.

CMRJ. *Proposta pedagógica*. Disponível em: <<http://www.cmrj.ensino.eb.br/index.php/conheca-o-cmrj/proposta-pedagogica>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LOHMANN, Liliana Adiers. *A inserção acadêmica e esportiva da 1ª turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

LOHMANN, Liliana. A inserção esportiva da primeira turma feminina no Colégio militar do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. 14. *Anais...* Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.cbce.org.br/br/anais/conbrace2005.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.

LOHMANN, Liliana Adiers. VOTRE, Sebastião Josué. A Inserção acadêmica e esportiva da primeira turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 665-680, set.-dez./2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a05v14n3.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.101-132, jul.-dez. 1995.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Sexualidade e educação: uma abordagem pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOURO, Guacira. MEYER, Dagmar. E. Gênero, sexualidade e educação. Belo Horizonte: *Educação em revista*, n.46, p.187-189, dez. 2007.

MEYER, Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURÃO, L.; PEREIRA, G. B.P. O cotidiano da educação física escolar. In: VOTRE, S.; COSTA, V. L. M. (Org.). *Cultura, atividade corporal e esporte*. Rio de Janeiro: EDUGF, 1995.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: SIMÕES, Antônio Carlos (Org.). *Mulher e esporte*. São Paulo: Manole, 2003.

REZENDE, T. A. *Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília: 1989 – 1995*. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

REZENDE, Thelmy Arruda de. *Meninas! Aqui? A experiência constitutiva das alunas pioneiras do Colégio Militar de Brasília*. Brasília: UnB, 2009. Disponível em: <http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_arquivos/33/TDE20091005T173524Z4425/Publico/2009_ThelmyArrudadeRezende.pdf>. Acesso em: 15 set. 2011.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

TUBINO, M. J. G. *500 Anos de legislação esportiva brasileira: do Brasil colônia ao início do século XXI*. Rio de Janeiro: Shape, 2002.

WEEKS, Jeffrey. Corpo e a sexualidade: a construção escolar das diferenças. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

VERDE OLIVA. *Os cem anos do CMRJ*. Centro de comunicação social do exército, Brasília: Papelaria Asa Sul, ano 19, n. 123, 1989.

VOTRE, Sebastião (Org). *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: EDUGF, 1996.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre “A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades escolares e práticas corporais” teve por objetivo compreender o processo de interação de alunas nesta escola militar, associando e analisando a instituição educacional militar e o ingresso de mulheres, o poder disciplinar e o gênero, a construção da identidade e as representações de alunas sobre as práticas físico-esportivas realizadas no colégio a partir de três estudos que serão apresentados a seguir.

No primeiro estudo cujo título é “O discurso sobre o acesso à permanência de mulheres nas Forças Armadas brasileiras: o que conta a literatura” mapeamos 25 trabalhos científicos sobre mulheres nas Forças Armadas brasileiras e contextualizamos o acesso e a construção das representações depreendidas dos discursos de autores/as sobre a inserção e permanência de mulheres neste contexto.

Concluimos que as representações deles/as sobre o acesso de mulheres no militarismo brasileiro deveu-se à maior oferta de oportunidades proporcionadas pela vivência democrática no Brasil, conseqüentes da mudança na forma de pensar o papel do soldado, a dedicação menor à defesa do território e mais as ações de vigilância e proteção de fronteiras, ao apoio proporcionado pelas tecnologias eletrônicas e digitais, a mudança na forma de se fazer a guerra. Outro aspecto verificado foi o enxugamento de quadros, movido pela necessidade de suprir com pessoal qualificado determinadas funções de pouco interesse masculino em decorrência do desprestígio da profissão militar e pelos baixos proventos proporcionados ao homem militar naquele período. As mulheres foram cuidadosamente inseridas e excluídas de atividades consideradas de risco e de rigor disciplinar, tratadas em muitos momentos de forma diferenciada em regulamentos e procedimentos militares e consideradas como seres que precisavam ser cuidados e protegidos.

O cotidiano de trabalho do público feminino na caserna foi marcado por limitações e exclusão profissional, expondo as resistências tanto da sociedade da época como do ambiente militar e o despreparo em lidar com o público feminino. Apesar das dificuldades, algumas mudanças positivas no ambiente foram percebidas, como uma maior flexibilidade no tratamento, um linguajar menos duro com comportamentos menos autoritários, uma dose extra de civilidade aos ambientes outrora masculinos. Com a convivência os estereótipos

sexuais firmaram os membros como diferentes, legitimando as áreas destinadas às mulheres e reduzindo-as a atividades de apoio.

Os/as autores/as identificaram com a permanência delas que as alunas/mulheres deveriam atender a padrões profissionais masculinos e, portanto, militares. Os padrões femininos foram percebidos como naturalmente avessos à atuação afastando-as de exercer suas funções com eficiência. Então ser mulher se sobrepõe ao fato de ser militar na instituição, ou seja, elas terem atitudes parecidas com as adotadas pelos homens poderia aproximá-las mais dessa realidade. Eles/as questionaram se este novo campo de trabalho feminino foi de fato consequência de reivindicações femininas, se isto representa uma conquista das mulheres e da sociedade ou se consiste numa adaptação às regras onde se nega a identidade feminina e se desconstrói o seu eu.

No segundo estudo, “Entre a disciplina e a ordem: A construção identitária de meninas no Colégio Militar do Rio de Janeiro” realizamos a investigação e análise das representações sobre as interações de alunas do CMRJ em atividades escolares sob a ótica de gênero à partir de 1989.

As alunas ingressaram no CMRJ motivadas pela tradição de qualidade de ensino ou por influência familiar, devido as transferências de militares para o Rio de Janeiro a partir do 6º ano do ensino fundamental e pelo amparo legal possibilitado pelo assistencialismo do Colégio. Entendemos que o acesso em diferentes séries diminui o tempo e o tipo de formação militar proporcionada em sua formação e que o número de alunas que estudam por influência familiar gera a possibilidade delas não se identificarem com o sistema ao qual pertencem.

A atitude adotada pelas alunas no convívio inicial é de timidez influenciada por um ambiente de tradição rigorosa. Um grupo de alunas não sofreu nenhum problema de adaptação no colégio, apesar de reforçarem o “impacto” na entrada em um ambiente militar. As outras tiveram problemas de três ordens, o primeiro, devido a dificuldade com o ensino de alta qualidade exigido no CMRJ, explicado em função de virem de escola com base mais fraca, ou pela dificuldade em lidar com a metodologia de ensino. A segunda, pela necessidade de adaptação as normas, como o horário, a adoção do uniforme, ou ainda pela ordem unida, pelas formaturas, pela separação das armas (grêmios). A terceira, pelo grande espaço físico do colégio intimidar.

O tratamento dispensado a elas pela administração escolar foi cuidadoso, protetor e receoso. O recebido dos professores, paternalista e atencioso. Confirmam as constatações encontradas nos estudos sobre mulheres no Militarismo. Já o tratamento recebido por parte dos alunos é relatado como sendo sem discriminação por serem mulheres, com

companheirismo e amizade. Divergem dos sentimentos constatados na inserção delas, que eram de invasão ao reduto masculino e demonstraram uma mudança de atitude das alunas através da aceitação e integração delas com eles no ambiente escolar.

As alunas possuem a expectativa de “destacarem-se” na parte intelectual e nos treinamentos de equipes e competições esportivas em que a escola venha a participar. Outra expectativa refere-se a adquirirem e aprenderem a serem disciplinas, nos horários e com suas próprias vidas, entendendo que o perfil da escola possa propiciar esse tipo de incorporação. Elas enfatizam que as regras tornam o aluno responsável por seus atos, ocorrendo cobrança e incentivo aos estudos, e a exigência de responsabilidade, pontualidade e respeito aos mais antigos.

Verificamos alguns aspectos contraditórios na estruturação das identidades de alunas no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Elas convivem com conquistas de um espaço de tradição masculina, algo concedido pelo Exército, corroborado pelas conquistas feministas na década de 1980, mas, reforçam as qualidades tradicionais de ensino da instituição, buscam o adestramento e a disciplina orientada no processo escolar. A disciplina proporcionada pela tradição escolar influenciou suas construções identitárias que se tornaram valores a serem conquistados e utilizados na ascensão profissional futura.

No terceiro estudo, “A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em práticas físico-desportivas: a tradição reinventada” investigamos e analisamos as representações das alunas sobre as práticas físico-esportivas realizadas no CMRJ.

Percebemos que ocorreu na atualidade o empobrecimento das condições administrativas e de material do colégio, se comparadas às vivenciadas na inserção das alunas. Apesar disso, as alunas representaram as aulas de Educação Física do colégio positivamente, como possuindo características diferenciadas com relação ao contexto geral do Colégio e de outras instituições escolares, por proporcionarem participação extra e local privilegiado para a prática. Consideramos que por um lado as atividades são desenvolvidas de forma elitizada, conforme os estudos sobre as pioneiras demonstraram e por outro se apresentam diferentemente, atualizadas como promotoras da saúde e realizadas de forma prazerosa, o único local onde realizam atividade física.

Elas aprenderam com as aulas a disciplina, a trabalhar em equipe, a obter relaxamento e confraternização, um local que suaviza o stress e as cobranças. Buscam o destaque através das aulas, corroborando as representações verificadas na inserção feminina na escola, e com isso, participarem dos treinamentos de equipes e/ou competições. As frustrações com a Educação Física não ocorrem com a sua prática em si, mas pelos fatores administrativos

envolvidos na concepção e apresentação delas até aulas. Quanto aos treinamentos de equipe, elas consideram um mérito representar o colégio.

Os treinamentos e a execução da ordem unida revelam a aquisição de uma nova postura, elas passaram a gostar de se submeter à disciplina, às regras e as formaturas realizadas no Colégio. Entendem que esta é obrigatória, tradicional e por ser uma escolha pessoal estudar ali, devem se submeter.

Nossa pesquisa partiu da hipótese de que o Colégio Militar do Rio de Janeiro, a partir de 1989, com a presença de alunas, ajustou-se aos ares dos novos tempos, provocando adaptações em todos os setores da escola e em especial na Educação Física, objeto de nossa investigação no terceiro estudo. Concluímos que nossa hipótese se concretizou, porém admite-se que em parte, as mudanças são reflexas da desestruturação do sistema escolar do colégio, da precariedade de se manter profissionais por falta de concurso público, das mudanças do setor administrativo e comando do colégio, se comparadas com as vivenciadas pelas pioneiras na década de 1990. Por outro lado, os valores institucionais se mantiveram pelas práticas cívico-militares (ordem unida) que se ancoravam nos ideais de masculinidade sustentando a tradição militar da escola. As aulas de Educação Física construídas com atenção especial para o treinamento físico, resistência e força na centenária escola, deslocaram-se para práticas físico-desportivas contribuindo sistematicamente com a aquisição de disciplina e para a manutenção da qualidade e tradição militar esperada por elas. Desta forma, nos indagamos se não caberia verificarmos se os alunos da escola passam pela mesma construção, assim deixamos essa possibilidade para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

- A ASPIRAÇÃO / COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO. *Órgão oficial da sociedade literária do Colégio Militar do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Entrevistas Produções Gráficas e Publicações, 1994-1995.
- BAUER, Martin. W.; GASKEL, George. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARRA, Patrícia R. Augusto. *O casarão da Várzea: um espaço masculino integrando o feminino (1960 a 1990)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1201>. Acesso em: 14 dez. 2013.
- DIRETORIA DE ENSINO PREPARATÓRIO E ASSISTENCIAL – SISTEMA COLÉGIO MILITAR DO BRASIL. Disponível em: <www.depa.ensino.eb.br/pag_sistemaCM.htm>. Acesso em: 26 abr. 2011.
- DOMINGO, Jornal do Brasil, v. 17, n. 887, 2 de maio de 1993.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FIGUEIREDO, A.J. de; FONTES, Arivaldo Silveira. *Breve introdução à história dos colégios militares no Brasil*. Rio de Janeiro: 1958.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- LOHMANN, Líliliana Adiers. *A Inserção Acadêmica e Esportiva da 1ª turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
- LOHMANN, Líliliana Adiers. VOTRE, Sebastião Josué. A Inserção acadêmica e esportiva da primeira turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 665-680, set.-dez./2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a05v14n3.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2012.
- MANCHETE. *Colégio Militar: 100 anos dourados*. Rio de Janeiro: Bloch, v.38, n. 1935, 1989.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

REVISTA DO CLUBE MILITAR. Rio de Janeiro, v. 82, n. 431, p. 16-22, nov/dez/jan, 2009.

SCOTT, Jean. *Gênero: uma abordagem útil de análise histórica*. Porto Alegre: Gráfica Valci Editora, v.20, n.2, p 9-255, jul/dez. 1995.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n.1, p.11-30, jan.-abr, 2005.

VERDE OLIVA. *Os cem anos do CMRJ*. Brasília: Papelaria Asa Sul, v.19, n. 12, 1989.

ANEXO A – Documento de aprovação do Projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética.

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Universidade Gama Filho - UGF

PROJETO DE PESQUISA

Título: A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades acadêmicas e práticas corporais.
Área Temática:

Pesquisador: LILIANA ADIERS LOHMANN

Versão: 2

Instituição: Universidade Gama Filho - UGF

CAAE: 03096812.0.0000.5287

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 38160

Data da Relatoria: 15/06/2012

Apresentação do Projeto:

A pesquisa será realizada em cumprimento as exigências do programa de pós-graduação stricto sensu da Universidade Gama Filho, Doutorado em Educação Física (PPGEF UGF), com alunas da 2ª série do ensino médio do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), no período compreendido entre 2011/13, no horário escolar, na própria escola, localizada na Rua São Francisco Xavier nº 267, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ, CEP: 20550-010. Será anexada ao relatório final uma carta de autorização para realização da pesquisa, assinada pelo comandante diretor da escola, os termos de livre esclarecimento, assinados e autorizados pelos responsáveis das alunas menores de idade. Para contextualizar o ambiente estudado utilizaremos acervo teórico de teses, dissertações e trabalhos científicos, sobre o acesso feminino nas forças armadas e colégios militares brasileiros, além do levantamento dos projetos pedagógicos da Educação Física do CMRJ de 1989 a 2012.

Objetivo da Pesquisa:

ossuímos o objetivo geral de verificar as representações construídas pelas alunas do CMRJ sobre a figura feminina na caserna. Para atingir esse objetivo estruturaremos estudos que proporcionarão a confecção de três artigos com os seguintes títulos provisórios: o 1º, Do acesso à permanência de alunas nos Colégios Militares: a tensão do feminino na caserna; o 2º, Representações de alunas sobre a figura da mulher em atividades acadêmicas no Colégio Militar do Rio de Janeiro; e o 3º, A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em práticas corporais na atualidade: a tradição reinventada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não promoverá nenhum risco físico as participantes, sendo que, todos os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos. Serão garantidas autorizações e submissões prévias dos questionários aos responsáveis e as alunas participantes da pesquisa, através do termo de consentimento livre e esclarecido, que expõe os seguintes direitos: solicitar, a qualquer momento, maiores esclarecimentos sobre a pesquisa; sigilo sobre seus nomes; ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; opção de solicitar que determinadas declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial; desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa, o que será prontamente atendido pela pesquisadora.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Nenhuma consideração

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos ok

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

nenhuma

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

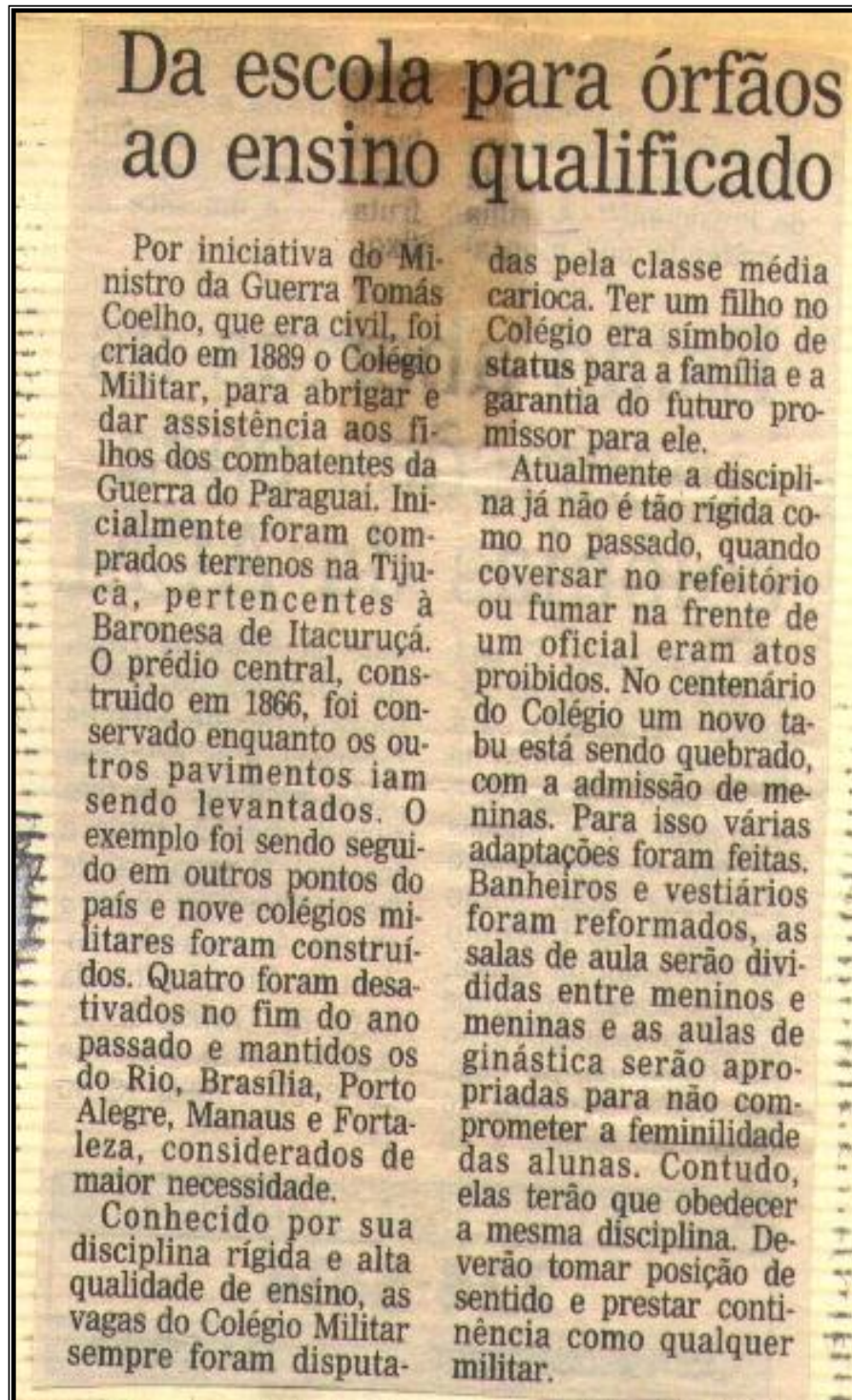
Parecer emitido após discussão e votação dos membros participantes.

RIO DE JANEIRO, 18 de Junho de 2012

Assinado por:

João Carlos de Oliveira Tórtora

ANEXO B – Reportagem de Jornal – Da escola de órfão ao ensino qualificado. Obs. -A pesquisadora informa que o acesso a data e ao nome do respectivo jornal não puderam ser confirmados, em função da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro) estar realizando a microfilmagem desse período, impedindo momentaneamente o fornecimento exato dessas informações.



APÊNDICE A – Declaração de autorização da escola.

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

NOME DA ESCOLA: Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Comandante e Diretor de Ensino Coronel Bruno Henrique de Avelar Francisco.

Endereço: Rua São Francisco Xavier nº 267, Maracanã, CEP: 20550-010

Cidade: Rio de Janeiro Telefone: 2568-8621

Declaro para os devidos fins que a doutoranda Liliana Adiers Lohmann do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (PPGEF/UGF) está autorizada a realizar coleta de informações para a pesquisa intitulada: **“A INTERAÇÃO DE ALUNAS DO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO EM ATIVIDADES ACADÊMICAS E PRÁTICAS CORPORAIS”** a ser realizada a partir do segundo semestre de 2011.

Tenho conhecimento de que a pesquisa objetiva estruturar três artigos que enfoquem: no 1º, “Do acesso à permanência de alunas nos Colégios Militares: a tensão do feminino na caserna”; no 2º, “Representações de alunas sobre a figura da mulher em atividades acadêmicas no Colégio Militar do Rio de Janeiro”; no 3º, “A interação em práticas corporais de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro”.

Para efetivar a coleta de informações a doutoranda terá permissão para acessar e analisar documentos, realizar entrevistas e aplicar questionários, previamente autorizados pela escola e pelos familiares das alunas.

Estou ciente de que a pesquisadora preservará a identidade dos sujeitos colaboradores e observará os procedimentos éticos no manejo das informações obtidas. As atividades deverão ser executadas com planejamento prévio e sem prejuízo das atividades da comunidade escolar.

Rio de Janeiro, 12 setembro de 2012.

(Assinatura e carimbo do Representante Legal da Escola)

APÊNDICE B – Carta de apresentação do trabalho.

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Prezada aluna:

Venho solicitar sua colaboração num questionário sobre o cotidiano de alunas no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

O objetivo é levantar sua experiência e sua opinião sobre o que significa estudar no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Preciso da autorização de seu responsável em função de você ser menor de idade.

Na concretização do relatório final as entrevistas não serão identificadas.

Agradeço a colaboração.

Liliana Adiers Lohmann.

Professora Mestre em Educação Física do CMRJ.

0396 - G

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido: Responsável.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RESPONSÁVEIS

Este documento solicita a autorização para a participação de sua filha na pesquisa de Doutorado de Liliana Adiers Lohmann – CREF 396 G, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho – Rua Manoel Vitorino 625, Piedade – Rio de Janeiro, sobre: “**A interação de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro em atividades acadêmicas e práticas corporais**”. Os questionários serão respondidos no Colégio Militar do Rio de Janeiro localizado na Rua São Francisco Xavier, nº 267, Maracanã – Rio de Janeiro. O trabalho tem por objetivo geral estruturar três artigos: 1º, “Do acesso à permanência de alunas nos Colégios Militares: a tensão do feminino na caserna”; no 2º, “Representações de alunas sobre a figura da mulher em atividades acadêmicas no Colégio Militar do Rio de Janeiro”; no 3º, “A interação em práticas corporais de alunas do Colégio Militar do Rio de Janeiro”.

Por intermédio deste termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer momento, maiores esclarecimentos sobre a pesquisa; (2) sigilo sobre seus nomes; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa; (6) A participação na pesquisa será gratuita, voluntária e sem recebimento de pagamento ou indenização. Todos os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos. Uma cópia deste termo permanecerá arquivada com a pesquisadora responsável pela pesquisa.

Autorizo minha filha _____	
Turma: _____ nº _____ a responder os questionários da pesquisa.	
Nome do responsável: _____	
Endereço: _____	
e-mail: _____ Tel: _____	

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2012.

Assinatura do (a) responsável pelo (a) aluno (a)

Nomes dos pesquisadores:	Rubrica
1) Orientador: Prof ^a Dra. Ludimila Mourão ²⁰	
2) Doutoranda: Prof ^a . Mestre Liliana Adiers Lohmann ²¹	

²⁰ Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora; Prof^a colaboradora do Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho.

²¹ Doutoranda do curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física da Universidade Gama Filho.

APÊNDICE D – Roteiro sobre a Interação escolar.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE A INTERAÇÃO ESCOLAR



UNIVERSIDADE GAMA FILHO

Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física

Campus Piedade

1. Você começou a estudar no Colégio Militar do Rio de Janeiro através de?
 - () Transferência de um familiar para o Rio de Janeiro.
 - () Concurso de admissão.
 - () Amparo legal.
 - () Outro(s) motivo(s). Qual(is)? _____

2. Em que série/ano você começou a estudar no Colégio Militar do Rio de Janeiro?

3. O que **motivou** sua entrada no Colégio do Rio de Janeiro:
 - () A qualidade de ensino e tradição do estabelecimento.
 - () Influência familiar.
 - () A qualidade da parte esportiva.
 - () Outro(s) motivo(s). Qual(is)? _____

4. Como você **se sentiu ao iniciar** as atividades escolares no colégio?
 - () Estava deslumbrada com o ambiente do colégio.
 - () Achava um paraíso onde tudo era novidade.
 - () Tinha uma postura tímida pelo ambiente rigoroso.
 - () Outro(s) sentimento(s). Qual(is)? _____

5. Você sofreu algum **problema inicial de adaptação** ao colégio? Informe qual(is):

6. Como você é **tratada pela parte administrativa** em sua atividade escolar?
 Com cuidado.
 Com receio.
 Com proteção.
 Outro(s) tratamento(s). Qual(is)? _____

7. Como você é **tratada pelos professores** do Colégio?
 Com indiferença.
 Com paternalismo.
 Com receio.
 Outro(s) tratamento(s). Qual(is)? _____

8. Como você é **tratada pelos alunos**?
 Com hostilidade.
 Com discriminação.
 Sem discriminação por sermos mulheres.
 Outro(s) tratamento(s). Qual(is)? _____

9. Quais são suas **expectativas** em relação à convivência numa instituição educacional militar?
 Destacar-me na parte intelectual.
 Destacar-me na parte física (treinamentos de equipes e competições).
 Escolher de pertencer a uma “arma do exército” no ensino médio.
 Outra(s) expectativa(s). Qual(is)? _____

10. Você teve alguma **frustração** com o convívio escolar em uma instituição educacional militar?
 Não.
 Sim. Qual(is): _____

11. Você considera **um mérito estudar no Colégio Militar** do Rio de Janeiro?
 Não.
 Sim.
 Explique: _____

APÊNDICE E – Roteiro sobre a Interação em práticas físico-desportivas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE INTERAÇÃO EM PRÁTICAS FÍSICO- DESPORTIVAS



UNIVERSIDADE GAMA FILHO

Curso de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física

Campus Piedade

01. Como você se percebe nos **treinamentos para a formatura (Ordem Unida)** no Colégio Militar do Rio de Janeiro?

- Não gosto dos treinamentos militares para as formaturas.
- Gosto de me submeter à disciplina, às regras e aos treinamentos militares.
- Os treinamentos militares perdem o significado com o avanço dos anos.
- Outra(s) percepção(ões). Qual(is)? _____

02. Como você se percebe nas **formaturas** do Colégio Militar do Rio de Janeiro?

- Não gosto de participar das formaturas militares do Colégio.
- Gosto de me submeter à disciplina, às regras e as formaturas no Colégio.
- As formaturas militares perdem o significado com o avanço dos anos.
- Outra(s) percepção(ões).Qual(is)? _____

03. Como você percebe as **aulas de Educação Física do Colégio Militar do Rio de Janeiro?**

- O modelo adotado é bom – permite conhecer várias modalidades esportivas e se especializar em alguma.
- Possui características diferenciadas com relação ao contexto geral do Colégio e permite uma participação extra.
- As aulas desenvolvidas não me interessam e eu participo pouco.
- Eu não gosto do sistema das aulas e fujo quando posso.
- Outra(s) percepção(ões).Qual(is)? _____

04. Como são as **aulas de Educação Física** do Colégio Militar do Rio de Janeiro **para você**:

- Proporcionam autoestima e aquisição de habilidade de forma prazerosa.
- É único local onde faço atividade física.
- Trabalham de forma a promoverem a saúde.
- Funciona de forma elitizada como clube e eu gosto desse tipo de atividade.
- Outro(s) significado(s).Qual(is)?_____

05. Como **vocês são tratadas** pelos **professores de Educação Física** nas aulas de Educação Física?

- Com indiferença.
- Com paternalismo.
- Como atletas.
- Outro(s) tratamento(s). Qual(is)?_____

06. Quais são **suas expectativas** com a **prática das aulas de Educação Física** no Colégio Militar do Rio de Janeiro?

- Fazer atividades lúdicas.
- Destacar-me na parte física (treinamentos de equipes e/ou competições).
- Manter ou melhorar a minha saúde.
- Outra(s) expectativa(s).Qual(is)?_____

07. Você possui alguma **frustração** com a realização das **aulas de Educação Física** no Colégio?

- Não.
- Sim. Qual(is)?_____

08. Você entende que as aulas de Educação Física do Colégio Militar do Rio de Janeiro são positivas para sua formação acadêmica?

- Não.
- Sim.

Explique:_____

09. Exponha sobre **sua experiência** como aluna nas **aulas de Educação Física** do Colégio Militar do Rio de Janeiro?

10. Como você percebe a **Olimpíada das Armas** no Colégio Militar do Rio de Janeiro?

- Não me interessa participar da Olimpíada das Armas
 Treino para ganhar a olimpíada pela minha arma
 Gosto de competir e a olimpíada é mais um incentivo para treinar
 Outra(s) percepção(ões). Qual(is)?_____

11. Como você percebe **os treinamentos de Equipes** competitivas do Colégio Militar do Rio de Janeiro?

- Não me interessam os treinamentos de equipes.
 Treino apenas para a Olimpíada das Armas.
 Gosto de competir e treino para defender o colégio.
 Outra(s) percepção(ões). Qual(is)?_____

12. Você percebe algum **mérito** em fazer parte dos **treinamentos/competições** por alguma equipe do Colégio Militar do Rio de Janeiro?

- Não.
 Sim.

Explique: _____

APÊNDICE F – Objetivos gerais dos estudos que investigaram o feminino nas Forças Armadas e Colégios Militares.

Ação verbal	(f)	Autor(a)	Descrição do(s) Objetivo(s)
Compreender	02	Silva, 2006a	o segmento feminino inserido na instituição militar brasileira.
		Silva, 2007	os indivíduos inseridos na instituição militar, focalizando a presença das mulheres nas Forças Armadas.
Entender	02	Santos, 2008b	como se desenrola o processo de construção de identidade das primeiras mulheres oficiais do quadro de aviadores.
		Lannes, 2008	como a entrada oficial das mulheres no Exército Brasileiro, durante a década de 1990, pode ser considerada como um exemplo do caráter moderno dessa instituição.
Conhecer	02	Lombardi, 2009	como se deu o processo de inserção das mulheres na Marinha procurando recuperar as etapas da sua integração, desde 1980.
		Lombardi, 2010	
TOTAL	06		

APÊNDICE G – Objetivos específicos dos estudos que investigaram o feminino nas Forças Armadas e Colégios Militares Brasileiros.

Ação verbal	(f)	Autor(a)	Descrição do(s) Objetivo(s)
Analisar	10	D'Araújo, 2004	a incorporação de mulheres às Forças Armadas do Brasil.
		Lohmann, 2005	“identificar e analisar” as representações da 1ª turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro, sobre suas inserções esportivas a partir de 1989.
		D'Araújo, 2006	a incorporação de mulheres às Forças Armadas do Brasil.
		Lohmann e Votre, 2006	“contextualizar e analisar” o ambiente em que se deu a inserção da primeira turma feminina no Colégio Militar do Rio de Janeiro em 1989.
		Adão, 2007	como se realizou a formação do oficial militar.
		Carras, 2008	a cultura escolar do Colégio Militar de Porto Alegre durante o período de 1962 a 1990.
		Rezende, 2009	“refletir e analisar” sobre a construção das subjetividades das alunas do Colégio Militar de Brasília, as experiências vividas pelas alunas, como se representaram e foram representadas em um ambiente tipicamente masculino.
		Bastos, 2009	a inserção da mulher na carreira militar, caracterizando as adaptações em sua identidade durante este ingresso, conquistando espaço num universo originalmente masculino.
		Passos et al., 2009	“e avaliar” a influência das relações na formação militar do sujeito em cursos envolvendo grupos mistos (homens e mulheres), a partir do acompanhamento de uma turma de alunos no Curso de Formação de Oficiais do Quadro Complementar (CFO/QC) da Escola de Administração do Exército (EsAEx).
		Souza, 2011	o ingresso e a crescente participação feminina em corporações militares nas últimas décadas.
		Silva, 2006b	um estudo antropológico sobre a presença de mulheres nos quartéis brasileiros, evidenciando a partir de aspectos do cotidiano delas, as construções de masculinidades e feminilidades contidas na profissão militar.
		Santos, 2008 ^a	“e recuperar” indicativos do processo de incorporação feminina às Forças Armadas latino-americanas e, em particular aos países que compõem o Mercosul ampliado, o Brasil em primeiro plano.
Mathias, 2011	indicativos do processo de incorporação feminina às Forças Armadas latino-americanas, em particular no Mercosul, o Brasil em primeiro plano.		
Informar	02	Lohmann e Votre, 2004	sobre o contexto de admissão das primeiras meninas no Colégio Militar do Rio de Janeiro.
		Carras, 2012	conclusões de pesquisa acerca do ingresso das primeiras meninas no Colégio Militar de Porto Alegre - 1989 e 1990.
Examinar	01	D'Araújo, 2003	as mudanças introduzidas nas Forças Armadas de vários países para fazer frente às novas demandas igualitárias da sociedade quanto aos direitos das mulheres.
Verificar	01	Oliveira, 2006	qual a percepção que a mulher militar e seus pares têm do papel delas dentro da Força Aérea e no que isso reflete nas relações de trabalho e por conseguinte no espírito militar que condiciona as micro-relações de trabalho.
Investigar	01	Santos e Coutinho, 2010	como elas vivenciam a experiência em uma carreira até então vedada a mulheres, como percebem a hierarquia e as relações de poder típicas dessa carreira, e quais são seus projetos.
TOTAL	19		

APÊNDICE H – Procedimentos utilizados nos estudos sobre o feminino nas Forças Armadas e Colégios Militares Brasileiros.

Procedimentos utilizados	(f)	Autores dos estudos
De Revisão	06	D' Araújo, 2006; Adão, 2007; Lannes, 2008; Santos, 2008; Mathias, 2011; Souza, 2011.
De Revisão, aplicação de Entrevista	05	D' Araújo, 2004; Lohmann, 2005; Santos, 2008b; Rezende, 2009; Santos e Coutinho, 2010.
De Revisão, aplicação de Entrevista, Etnografia	04	Lohmann e Votre, 2004, 2006; Silva, 2006 ^a , 2006b.
De Revisão, aplicação de Questionário	04	D' Araújo, 2003; Oliveira, 2006; Silva, 2007; Bastos, 2009.
De Revisão, utilização de Narrativas	02	Carras, 2008, 2012.
De Revisão, utilização de Teoria Analítica	01	Mathias, 2005.
De Revisão, aplicação de Entrevista, Estatística	01	Lombardi, 2009.
De revisão, aplicação de Entrevista, aplicação de Questionário, utilização de Teoria Analítica	01	Passos et al., 2009.
De Revisão, utilização de Grupo Focal	01	Lombardi, 2010.
TOTAL	25	

APÊNDICE I – Hipótese(s) utilizada(s) nos estudos que investigaram o feminino nas Forças Armadas e Colégios Militares.

Hipótese(s)	(f)	Autor/a
... a incorporação de mulheres e homossexuais às Forças Armadas só pode ser devidamente considerado quando as sociedades tiverem estabelecido para si que liberdade de escolha e direitos iguais para todos são parte inviolável da soberania individual, ou seja, quando os princípios de igualdade e democracia se tornarem a gramática da política.	01	D'Araújo, 2003
... as alunas teriam um tratamento diferenciado com relação às advertências e punições quando comparadas ao grupo masculino do colégio. Parecia que a escola ainda não estava preparada para o atendimento as necessidades decorrentes do convívio entre meninos e meninas em uma instituição militar.	01	Lohmann e Votre, 2004
... de que “ser mulher” sobrepõe-se ao fato de “ser militar”, ou seja, que a presença de mulheres nas Forças Armadas mostra que seu reconhecimento no grupo militar opera, antes de mais nada, sobre a sua condição de “ser mulher”, visto que a instituição militar é predominantemente masculina e de estrutura paternalista.	01	Silva, 2006a
... de que “ser mulher” sobrepõe-se ao fato de “ser militar”, ou seja, que a presença de mulheres nas Forças Armadas mostra que seu reconhecimento no grupo militar opera, antes de mais nada, sobre a sua condição de “ser mulher”.	02	Silva, 2006b
		Silva, 2007
... que o discurso hegemônico faz com que os paradigmas socialmente construídos contribuam na manutenção das relações de poder, ou seja, ainda é comum o discurso de que a mulher enquanto ser frágil necessita de proteção.	01	Santos, 2008a
... três hipóteses que influenciaram a entrada das mulheres no exército: a atuação dos movimentos feministas; a influência do exército norte-americano e o baixo número do efetivo militar.	01	Lannes, 2008
... o “teto de vidro” militar é mais permeável do que o das demais organizações da sociedade, pois, seguindo o critério da antiguidade na corporação, cada vez mais mulheres deverão chegar às altas posições militares. Ou, ao contrário, apesar da clareza dos critérios de promoção, outras variáveis intervenientes, na esfera das relações sociais e culturais, estão ativas, atuando contra uma ascensão feminina a posições do alto comando militar, embora sejam pouco ou nada visíveis e formalizadas.	01	Passos et al., 2009
TOTAL	08	